

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA E COGNIÇÃO**

Angelita Noronha de Freitas

**UMA ANÁLISE RETÓRICA DA COLUNA DE PAULO SANT'ANA PUBLICADA NO
JORNAL ZERO HORA**

Santa Cruz do Sul, agosto de 2010.

Angelita Noronha de Freitas

**UMA ANÁLISE RETÓRICA DA COLUNA DE PAULO SANT'ANA PUBLICADA NO
JORNAL ZERO HORA**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras-Mestrado. Área de concentração em Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Molina

Santa Cruz do Sul, agosto de 2010

Angelita Noronha de Freitas

**UMA ANÁLISE RETÓRICA DA COLUNA DE PAULO SANT'ANA PUBLICADA NO
JORNAL ZERO HORA**

Essa Dissertação foi submetida ao Programa de Pós Graduação em Letras-Mestrado, Área de Concentração Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Dr. Jorge Alberto Molina

Professor Orientador

Banca examinadora

Dr. Flavio Williges

Banca examinadora

Dr. Josmar de Oliveira Reyes

A minha mamãe, Elfrida Machado Noronha

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que me ajudaram, professores da pós-graduação em Letras-Mestrado: ao querido Professor Dr. Jorge Alberto Molina, pela orientação, paciência e dedicação transmitida com sabedoria para a realização deste trabalho.

À Professora Rosana Caneloro pela leitura dedicada e atenciosa.

À minha mamãe Elfrida Machado Noronha, que não deixou que eu desistisse nunca.

À minha filha Andressa Noronha de Freitas Teixeira pela colaboração em todos os momentos.

À Fátima Joaquina Prestes Nunes pelo exemplo de mãe e colega.

Aos meus irmãos Jaques Noronha de Freitas e Leandro Noronha de Freitas pelo apoio nos momentos difíceis

À Maria Noemi Lopes Job, minha dinda, pelo companheirismo. Às colegas das escolas estaduais, que estiveram ao meu lado.

À amiga Rosane Cardoso Girardon,

Ao meu amado Eduardo Noronha Guarnieri, meu neto, minha luz.

“a regra filosófica é ditada não pela verdade e sim pelo ponto de vista de cada um. Ou seja, cada um tem a sua verdade,tem o seu sonho,tem a sua visão sobre a sua vida e sobre seu destino” (SANT’ANA, P. O ponto de vista (II),2006, p.63).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A VELHA NOVA RETÓRICA	15
1. 1 A Retórica da Grécia Antiga.....	15
1. 2 A Retórica Latina: Cícero e Quintiliano.....	21
1. 3 A nova Retórica.....	22
2 PAULO SANT'ANA E SUA COLUNA NO JORNAL ZERO HORA.....	33
2.1 Marco Teórico.....	33
2.2 Paulo Sant'Ana e sua coluna no jornal Zero Hora.....	36
3 ANÁLISE RETÓRICA DOS TEXTOS DA COLUNA DE PAULO SANT'ANA.....	41
3.1 A invenção dos argumentos.....	41
3.1.1 Os tópoi ou lugares de onde os argumentos.....	46
3.1.2 O uso dos paradoxos.....	49
3.1.3 O uso da Prolépse e das analogias.....	51
3.1.4 O argumento pelo exemplo e os entimemas.....	53
3.2 A disposição dos argumentos.....	56
3.2.1 A narração e a digressão.....	60
3.3 Elocução.....	62
3.3.1 O uso das figuras retóricas.....	65
3.3.2 As teses e suas provas.....	72
3.3.3 Pergunta retórica.....	74
4 AS FORMAS DA PESUASÃO.....	77
4.1 Lógos.....	77
4.2 Pathos.....	78
4.3 Ethos.....	82
CONCLUSÃO.....	85
REFERENCIAS.....	87
ANEXO A Um holocausto programado	90
ANEXO A ₁ Eleitor encurralado	91
ANEXO B Inferno, purgatório e céu.....	92
ANEXO B ₁ As multidões sem voz.....	93
ANEXO C É proibido proibir?	94
ANEXO C ₁ Sant'ana: a visão de um leitor	95
ANEXO D A nossa perdição	96
ANEXO D ₁ Enfim, a igualdade.....	97
ANEXO E É só questão de ponto de vista.....	98
ANEXO E ₁ O ponto de vista.....	99

ANEXO F O ponto de vista(II)	100
ANEXO F ₁ Prender onde?	101
ANEXO G O feliz.....	102
ANEXO G ₁ O auge da dor.....	103
ANEXO H A aspa do boi brasino.....	104
ANEXO H ₁ De trás para diante	105
ANEXO I Lenha, nunca mais!	106
ANEXO I ₁ Eu sei e você sabe	107
ANEXO J Call center do crime	108
ANEXO J ₁ Nuvens plúmbeas no céu.....	109
ANEXO K Um grande amor.....	110
ANEXO K ₁ Prêmio Nobel da Asneira.....	111
ANEXO L Meus secretos amigos	112
ANEXO L ₁ O interino	113
ANEXO M O óbvio	114
ANEXO M ₁ Ser velho	115
ANEXO N Soltar Pandorgas	116
ANEXO N ₁ A alegria do esmoler	117
ANEXO O Quem sois?	118
ANEXO O ₁ Meus papéis	119
ANEXO P Em nível de indignação	120
ANEXO P ₁ Tudo invertido	121
ANEXO Q O chato transatlântico	122
ANEXO Q ₁ Japão severo.....	123
ANEXO R Ah, hospitais.....	124
ANEXO R ₁ O precatório da saúde.....	125
ANEXO S Quadro léxico utilizado nas colunas	126

RESUMO

A argumentação é objeto hoje de um estudo feito a partir de uma abordagem interdisciplinar da qual participam filósofos, linguistas e estudiosos da comunicação. Desse fato decorre que existam atualmente muitas perspectivas, a partir das quais tal estudo possa ser realizado. Optou-se por uma abordagem embasada na Teoria da Retórica, com o objetivo de identificar e analisar as diversas estratégias retóricas e argumentativas usadas por Paulo Sant'Ana em suas publicações, no Jornal *Zero Hora* de Porto Alegre. Foi realizada uma seleção desses textos, na qual foram utilizadas colunas publicadas no período de um ano, mas que mesmo transcorrido este tempo ainda fossem de interesse público, através de temas que permaneçam em foco, também pertinentes em debates na mídia e na vida cotidiana no Brasil, como amor, velhice, saúde, política, morte, entre outros, revelando o padecimento da população brasileira. As bases teóricas dessa pesquisa foi a Retórica Clássica, tal como foi apresentada por Aristóteles e Cícero, o Tratado da *Argumentação, Nova Retórica* de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, contando ainda com a *Introdução à Retórica* de Olivier Reboul. Nosso objetivo consistiu em investigar as estratégias argumentativas usadas na composição dos textos pelo autor da coluna supracitada, tentando identificar qual é o público o qual o jornalista pretende persuadir da verossimilhança de suas teses, também fazer uma avaliação dos argumentos apresentados em seus textos que o autor denomina como coluna, determinar a concepção de mundo que eles pressupõem. Foram testados alguns modelos argumentativos presentes sobre textos jornalísticos. Sabe-se que o estudo da Argumentação é complexo, pois o objetivo maior da argumentação é persuadir o auditório, que se entende nesse contexto como público leitor. O autor utilizou-se da persuasão pelo logos, patos, etos. Determinou-se que o autor Paulo Sant'ana constrói os seus argumentos retóricos para obter a atenção e adesão do auditório, com a escolha e uso do léxico, as teses que tenta provar, as obras, as nomenclaturas e as figuras retóricas. Sabe-se que o autor escreve sobre esportes, mas não interessava a esta pesquisa, pois com o passar do tempo a temática esportiva perde a atualidade. A teoria Retórica mostra muitas coisas sobre o texto jornalístico, que o autor utilizou para construir os argumentos. Reconhecem-se as características da argumentação jurídica, o que não é surpresa, pois a sua formação é jurídica e a isso se justifica.

Palavras-chave: Teoria da argumentação. Retórica. Coluna Jornalística.

RESUMEN

La argumentación es objeto hoy de un estudio realizado a partir de un abordaje interdisciplinario del que participan filósofos, lingüistas y estudiosos de la comunicación. De ese hecho, se sigue que existan actualmente muchas perspectivas a partir de las cuales esa tarea pueda ser realizada. El objetivo de nuestro trabajo fue identificar y analizar las diferentes estrategias argumentativas usadas por Paulo Sant'Ana en sus publicaciones en el diario *Zero Hora* de Porto Alegre. Fue realizada una selección de esos textos, en la cual se usaron columnas publicadas en el período de un año, cuidando de que los textos elegidos fueran todavía de interés público, por presentar temas que siempre están en el foco de los debates en los medios de comunicación de masas y en la vida cotidiana brasileras. Temas como el amor, la vejez, la salud pública, la política, la muerte, entre otros, que revelan los pesares del ser humano. La base teórica de nuestra investigación fue la Retórica clásica, tal como la elaboraron Aristóteles y Cicerón y *el Tratado de la Argumentación*, *la Nueva Retórica* de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, usando también la *Introducción a la Retórica* de Olivier Reboul. En nuestro trabajo intentamos identificar cuál es el público al cual el periodista arriba citado pretende persuadir de la verosimilitud de sus tesis, qué tipo de recursos retóricos usa para realizar esa finalidad, así como también hacer una evaluación de los argumentos que el autor usa en sus textos, a los que llama de columna, y determinar la concepción del mundo que esos escritos presuponen. Testamos también sobre sus textos otros modelos argumentativos diferentes de los modelos retóricos. Es sabido que el estudio de la argumentación es complejo, y que desde una perspectiva retórica, el objetivo de esa actividad es persuadir el auditorio, que en este caso, es el público lector. En esa tarea el periodista usa los tres recursos consagrados en la Retórica clásica: *logos* (razón), *pathos* (emoción), *ethos* (carácter). Analizamos e inventariamos también parte del léxico que el periodista usa, así como las figuras retóricas que emplea. Pudimos determinar que las categorías de la Retórica pueden ser aplicadas con provecho al texto periodístico. En la argumentación realizada por Sant'ana pueden ser reconocidas muchas de las características de la argumentación jurídica, lo que no es de sorprender, dada la formación en Derecho del autor.

Palabras-clave: Teoría de la argumentación. Retórica. Columna periodística.

INTRODUÇÃO

Se, antes de tudo existe o gosto pelo texto jornalístico e as estratégias argumentativas usada pelo autor, são duas razões concretas que impulsionaram a realização dessa pesquisa. Que tem como tema estudar as estratégias argumentativas e retóricas usadas por Paulo Sant'Ana numa série de textos escritos num período de um ano, em que pretende-se aplicar a esse corpus diversos modelos usados por teóricos da argumentação. Identificar os tipos de argumentos e as diversas estratégias argumentativas e retóricas usadas pelo autor. Fazer uma avaliação dos argumentos apresentados por Sant'Ana determinando a concepção de mundo que ele pressupõe. Testar a adequação dos diversos modelos argumentativos para analisar textos jornalístico. Analisar desde a perspectiva da Retórica as estratégias argumentativas usadas por Paulo Sant'Ana em sua coluna publicada no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre. Ao fazer uma oficina de ensino da Leitura na Universidade de Santa Cruz do Sul entrou-se em contato com o professor orientador que pôs em contato com as teorias argumentativas de base retórica que são as que formam a base teórica desta pesquisa, pois os estudiosos da argumentação têm proposto modelos para analisar ora a argumentação nas ciências humanas e na Filosofia de Perelman, ora na argumentação na Ciência na Ética ou na crítica artística Toulmin, ora nas situações de diálogo Van Emmeren. Entretanto nenhum deles prestou suficiente atenção ao texto jornalístico de tipo argumentativo. Pensou-se que será interessante analisar esse tipo de texto sob a luz dessas diferentes classes de modelos propostos pelos teóricos. Por outro lado muito dos teóricos da comunicação se tem interessado preferencialmente pela construção da notícia relegando o estudo dos textos de opinião. Pensa-se que o estudo dessa pesquisa irá preencher uma área de estudo ainda não suficiente explorada.

Pelo seu estilo e sua riqueza expressiva os textos de opinião de Paulo Sant'Ana são um modelo do uso de diferentes estratégias argumentativas e formam

um corpus interessante para ser analisado. Pensa-se que é interessante os textos jornalísticos escritos e pretende-se aprofundar a pesquisa.

De fato é bem conhecido que o estudo da argumentação se iniciou na Grécia Antiga. Aristóteles foi o primeiro autor que apresentou uma teoria geral sobre o discurso (*lógos*). Ele classificou os discursos em quatro tipos. O primeiro é o discurso dialético. Ele consiste num diálogo em que dois oponentes tentam resolver uma diferença de opinião. Um proponente defende uma tese em face de um oponente. Em seu tratado *Os Tópicos*, Aristóteles inventariou as técnicas que o proponente deve usar para vencer aquele diálogo. Nas suas *Refutações Sofísticas*, ele apresentou um conjunto de marcas para distinguir as estratégias argumentativas legítimas das ilegítimas (sofismas). As teorias da argumentação que tomam como paradigma a situação comunicativa, que se acabou de descrever, um diálogo entre um proponente e um oponente, chamam-se de dialéticas.

Os seguintes tipos de discurso estudado por Aristóteles é o discurso científico. Aristóteles dedicou-lhe um tratado: *Os Segundos Analíticos*. Se o interesse é dirigido para a forma do discurso científico, ou na medida em que a correção formal desse discurso possa fundamentar a verdade das conclusões obtidas, então está-se no âmbito da Lógica, tema dos *Primeiros Analíticos* de Aristóteles. As abordagens lógicas ao estudo da argumentação darão ênfase na forma do discurso argumentativo e negligenciarão o contexto de sua emissão. É difícil encontrar hoje autores que defendam esse ponto de vista, mas não se deve esquecer que na época de auge do Positivismo Lógico, sustentava-se que aquele discurso que não pudesse ser “reduzido” aos esquemas canônicos da lógica de primeira ordem (cálculo proposicional e cálculo de predicados) carecia de significado.

Um terceiro tipo de discurso analisado por Aristóteles é o discurso retórico, ao qual Aristóteles dedicou-lhe seus livros da *Retórica*.

No capítulo 1 desta pesquisa abordar-se-á a história da Retórica. Pode-se aqui dizer que uma abordagem retórica ao estudo da argumentação caracteriza-se por: a) afirmar que o objetivo da argumentação é persuadir; b) considerar que o tipo de audiência (auditório) para a qual o discurso se dirige determina a forma desse discurso e as escolhas lexicais feitas pelo seu autor, pois as estratégias argumentativas usadas e o léxico escolhido dependem das características dessa audiência; c) pensar que a persuasão não se consegue apenas pela lógica inerente ao discurso (persuasão pelo *logos*), mas também pela forma como o seu autor se

apresenta nele (persuasão pelo *ethos*) e pelas emoções que o autor consegue levantar na sua audiência (persuasão pelo *pathos*). Esta é a perspectiva que temos escolhido para realizar este trabalho.

Um quarto tipo de discurso analisado por Aristóteles é o discurso poético, tema da *Poética*. No decorrer de sua história, a Retórica esteve fortemente vinculada à Poética, até ponto tal que, em determinados momentos de sua história, a primeira foi concebida como uma teoria dos tropos e das figuras de estilo. Esse fato aconteceu no período helenístico e também no século XVIII. Ainda na nossa época muitos autores, por exemplo, Gérard Genette e seus colegas do grupo “MU” concebem a Retórica dessa forma. Entretanto, na década dos 50 do século passado, os belgas Chaïm Perelman e Lucie Olbrecht-Tyteca insurgiram-se contra essa concepção da Retórica como uma teoria sobre as figuras de estilo e voltaram à concepção de Aristóteles e de Cícero, para os quais a Retórica era principalmente a arte de argumentar para persuadir. É sobre esta concepção da retórica, que nosso trabalho baseia.

Formou-se esse *corpus* objeto de análise da forma seguinte: Coletou-se uma série de textos publicados por Paulo Sant’Ana no período de doze meses de abril de dois mil e seis a abril de dois mil e sete na sua coluna no jornal *Zero Hora*. Estudaram-se as estratégias argumentativas e retóricas usadas pelo jornalista nesses textos. Aplicou-se a esse *corpus* as categorias da Retórica Clássica e da Nova Retórica. Ao selecionar os textos preferiu-se escolher aqueles que dissertam sobre temas que inquietem os homens de forma permanente como a velhice, o amor, a saúde, a morte, mas também aqueles que relatam o padecimento da população brasileira devido a problemas que, no Brasil, parecem ser permanentes e de difícil solução. O motivo desse recorte é que pensa-se, esses textos ainda permanecem atuais. Outros textos, como aqueles vinculados ao esporte, foram deixados de lado, pois a maioria deles perdeu atualidade depois de três anos.

Além de pesquisar, analisar e inventariar as estratégias argumentativas usadas pelo jornalista para a construção do seu texto, também se buscou caracterizar, a partir do seu discurso, o tipo de público ao qual o autor se dirige, trabalho que foi feito por meio de uma análise do léxico dos textos, assim como da temática abordada em sua coluna.

Aqui se faz a seguinte ressalva: Não se tratou de determinar o tipo de público que efetivamente lê essa coluna, mas de determinar o tipo de público ao qual o

jornalista tenciona se dirigir ao escolher um determinado tipo de léxico e um determinado tipo de temas.

É bem sabido que os estudiosos da argumentação que partem da Retórica têm analisado textos das Ciências Humanas, da Filosofia e do Direito. Entretanto poucos deles prestaram atenção ao texto jornalístico de tipo argumentativo.

Pelo seu estilo e sua riqueza expressiva, os textos de Paulo Sant'Ana são considerados um modelo do uso de diferentes estratégias argumentativas e formam um *corpus* interessante para ser analisado.

Optou-se por chamar de coluna os textos escritos por Sant'Ana por ser um termo mais neutro e não de crônica ou artigo de opinião, pois não era interesse nesta pesquisa entrar na discussão sobre quais são os diferentes gêneros textuais que aparecem no jornal escrito e quais os critérios para distinguir uns dos outros.

Entende-se que é necessário lembrar aqui em que consiste o estudo dos textos argumentativos na perspectiva do *Tratado da argumentação* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Trata-se de identificar e analisar os recursos discursivos usados pelo orador para aumentar o grau de adesão de sua audiência a um conjunto de teses que lhe são propostas para seu assentimento. Tal concepção na verdade nunca deixa de apresentar riscos, pois desta forma é em função de um auditório que se desenvolve toda a argumentação, tanto os esquemas argumentativos como o léxico, que são usados pelo orador ou escritor para convencer e persuadir seus ouvintes ou leitores.

Em virtude da perspectiva escolhida este trabalho não avalia as opiniões do autor desde a crítica das ideologias, mas as estruturas argumentativas e as estratégias retóricas usadas por ele.

O estudo da argumentação nos textos da coluna de Sant'Ana suscita questões intrigantes, que estão relacionadas ao mundo da escrita argumentativa, tais como: para qual público o autor se dirige quando escreve, quais são as palavras que ele utiliza ao construir seu texto, quais autores são por ele citados, qual é o sexo dos leitores aos quais ele pretende se dirigir, quais os exemplos que utiliza, quais figuras retóricas são usadas pelo jornalista para enriquecer seu texto e, quanto ao léxico, como ele apresentado.

Argumentar é algo que se faz intuitivamente em situações cotidianas, quando se quer justificar uma atitude de conduta ou até mesmo algo que se faz, ou se desiste de fazer alguma coisa. A argumentação faz parte das práticas da fala e da

escrita, sendo, portanto, uma atividade complexa de articulação, que deve ser considerada também na sua dimensão persuasiva.

Em virtude desses objetivos, tomou-se como suporte o quadro teórico dado pelas seguintes obras: *O Tratado da Argumentação* de Perelman e Tyteca, a *Introdução à Retórica* de Oliver Reboul, o *Manual de Retórica* de Armando Plebe e Pietro Emanuele, as *Divisões da arte oratória* e os *Tópicos* de Cícero. Todas essas obras tratam da argumentação na medida em que ela visa a obter a adesão do público, analisando as escolhas lexicais feitas pelo autor em que o é objetivo convencer o auditório.

A partir dessas obras pode-se obter conceitos que se chamam de categorias retóricas, úteis na análise de textos pertencentes a diversos gêneros textuais, de forma tal que tem-se uma perspectiva de análise textual interessante para os pesquisadores.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro dissertou-se sobre a retórica antiga, apresentando-a de uma forma histórica e sistemática. Depois disso, neste capítulo, encontra-se a reconstrução da Retórica antiga feita pela Nova Retórica de Perelman e Tyteca. (1996).

No segundo capítulo apresentar-se-á o autor da coluna que se analisou, justificando-se a escolha do *corpus* com o qual se trabalhou. Aqui também caracterizar-se-á através dos temas tratados por Paulo Sant'Ana, os conhecimentos que esse jornalista pressupõe de seus leitores pretendidos e, do léxico usado, o auditório que o autor visa a atingir.

No terceiro capítulo, realizar-se-á uma análise retórica dos textos da coluna de Paulo Sant'Ana. Nesta parte, apóia-se na divisão sistemática da Retórica consagrada pela tradição: em primeiro lugar, tratou-se da invenção ou da forma como o jornalista encontra seus argumentos; a seguir, da disposição ou colocação em ordem desses argumentos, e, por último, da elocução ou expressão dos argumentos através da linguagem.

No último capítulo seguindo também a tradição, dissertou-se sobre em que medida o jornalista persuade pelo *logos* (a lógica inerente ao seu discurso), pelo *pathos* (as emoções que ele levanta em seus leitores), ou pelo *ethos* (a forma como ele se apresenta a si mesmo no seu discurso).

1 VELHA E NOVA RETÓRICA

1.1 A Retórica na Grécia Antiga

De acordo com as leituras feitas percebeu-se que desde a antiguidade historicamente a humanidade tem se preocupado do efeito, que as palavras tem sobre a natureza e o espírito humano, a arte do bem falar do discurso com o intuito influir sobre as atitudes e as crenças da humanidade.

Na Grécia antiga em um período anterior a Platão e Aristóteles, o retor Córax, Tísias e Isócrates, além dos sofistas, e do próprio Homero, haviam se dedicado a refletir sobre as potencialidades do discurso de persuadir os ouvintes.

Em Abreu (2002) entende-se que a arte de argumentar implica diretamente em convencer usando a razão e persuadir pela emoção.

A melhor introdução à retórica, segundo Reboul (2004), é sua própria história. Ela nasceu na Sicília grega em torno de 465 a.C e sua origem remete ao Judiciário e não à literatura. Nessa época, os cidadãos despojados pelos tiranos reclamavam por aquilo que havia sido roubado e como não existia a figura do advogado, sua cidadania não era plena. Então, tornou-se necessário dar aos litigantes um meio para sua defesa.

Afirma-se que o criador da retórica foi Córax, discípulo do filósofo Empédocles. Córax e seu próprio discípulo Tísias publicaram a “Arte Retórica” (*tekné rhetoriké*) uma coletânea de preceitos práticos para as pessoas, que precisassem reclamar seus direitos na justiça. Córax foi o primeiro a dar uma definição para a retórica: “ela é criadora da persuasão”, sendo também considerado o inventor do argumento que leva seu nome (REBOUL, 2004, p. 3).

Górgias, nascido em torno de 485 a.C, foi um dos representantes mais destacados da retórica antiga. Com ele surge uma nova fonte da retórica: a estética e a literária. É o autor, entre outras obras, de dois textos clássicos: *A defesa de Palamedes*, e o *Elogio de Helena*, composições sobre temas da mitologia nas quais

Górgias mostra todo o seu virtuosismo literário. Com Górgias, surge a ideia de tornar belo o discurso em prosa.

Sócrates criticou a retórica, segundo as informações que se têm sobre suas doutrinas, salvas através do seu discípulo Platão. No diálogo platônico *Górgias*, Sócrates, fingindo ignorar o que realmente seja a retórica, solicita uma definição da mesma a Górgias e ele responde com precisão: “o poder de persuadir pelo discurso” (apud REBOUL, 2004, p. 3).

No entanto Sócrates faz um questionamento: Será que a Retórica tem ciência daquilo que persuade? Górgias convicto de suas opiniões responde “que quem vende remédios não precisa ser medico” (apud. REBOUL, 2004, p. 13). Sócrates insiste em que quem precisasse da retórica nos debates públicos deveria buscar o conselho de um especialista. O diálogo transcorre da forma seguinte:

Górgias - Vou tentar, Sócrates, revelar-te claramente o poder da retórica em toda a sua amplitude (...). Não ignoras por certo que a origem desses arsenais, desses muros de Atenas e de toda a organização de vossos portos se deve por um lado aos conselhos de Temístocles e por outro ao de Péricles, mas nada aos homens do ofício.

Sócrates – É isso realmente que se relata a respeito de Temístocles, e, quanto a Péricles, eu mesmo ouvi propor a construção de outro muro interno.

Górgias – E quando se trata de uma dessas eleições de que falavas há pouco, podes verificar que também são os oradores que em semelhante matéria dão seu parecer e que a fazem triunfar.

Sócrates - Posso verificar isso com espanto, Górgias e por isso me pergunto a muito tempo que poder é esse da retórica. Ao ver o que se passa, ela se me aparece com uma coisa de grandeza quase divina.

Górgias - Se soubesse tudo, Sócrates, veria que ela engloba em si, por assim dizer, e mantém sob seu domínio todos os poderes. Vou dar-te uma prova impressionante disso:

Aconteceu-me várias vezes acompanhar meu irmão ou outros médicos à casa de algum doente que recusava uma droga ou não queria ser operado a ferro e fogo, e sempre que as exortações do médico resultava vãs eu conseguia persuadir o doente apenas com a arte da retórica. Que um orador e um médico andem juntos pela cidade que quiseres: se começarem uma discussão numa assembléia popular ou numa reunião qualquer para decidir qual dos dois deverá ser eleito médico. Afirmo que o médico será anulado e que o orador será escolhido, se isso lhe agradar. O mesmo aconteceria com um artesão: o orador se faria escolher diante de qualquer outro concorrente, pois não há assunto sobre qual um homem que conhece retórica não consiga falar diante da multidão de maneira mais persuasiva que um homem do ofício, seja ele qual for. Ai está o que a retórica, e do que ela é capaz. (apud REBOUL, 2004, p.13-14).

Em defesa da retórica, Górgias expõe com exemplos que convençam e do poder de persuasão daquela disciplina nas questões políticas, sociais e cotidianas. Por exemplo, nem sempre aquele que tem mais sucesso para persuadir

um doente a continuar o tratamento é o médico. Muitas vezes será aquele que domina a arte retórica.

Por outro lado, um tirano é um homem onipotente, pois pode fazer tudo que lhe convir, matar, prender, exilar, sem ser penalizado. Seu poder advém muitas vezes do domínio que ele tem sobre a multidão, através de sua oratória. Entretanto, Sócrates mostra que esse poder do tirano não passa de impotência, porque não se fundamenta na verdade, um dos princípios básicos para Sócrates.

Aqui se encontra a diferença fundamental entre a Filosofia e a retórica. Mesmo que a Filosofia como a retórica, sejam as duas atividades feitas através do discurso, a diferença entre ambas as disciplinas reside no fato de que o discurso filosófico pretende se apoiar na verdade, ao passo que a retórica se interessa somente em persuadir.

É importante salientar que o objeto da Retórica antiga era, além de tudo, a arte do bem falar em público de modo persuasivo, ocupando-se da linguagem oral, dirigida para uma multidão que ouvia os discursos em praça pública, na medida em que se tem a intenção de obter a aprovação de uma tese apresentada à consideração.

Para comprovar o valor da persuasão, para os sofistas, cita-se o próprio Górgias: “A persuasão, unida à palavra, impressiona a alma como quer [...] O poder do discurso com respeito à disposição da alma é idêntico ao dos remédios em relação à natureza do corpo”. (apud MONDOLFO, 1996, p.08 - 14).

No capítulo II de sua obra *Introdução à Retórica* de Olivier Reboul, indica importantes contribuições ao estudo da retórica, fornecidas pelas diversas referências a que a obra remete. Na história da retórica antiga coube a Aristóteles um papel de primeiro lugar. Tendo nascido 15 anos após a morte de Sócrates, foi para a academia de Platão ficando por 20 anos e como não pôde suceder ao mestre acabou fundando sua própria escola de Filosofia. Aristóteles soube reunir duas tendências poucos conciliáveis: o espírito de observação e o espírito de sistemas.

Enquanto Górgias e Isócrates faziam da retórica um instrumento neutro, que só tem valor pelo uso, Aristóteles lhe conferiu um valor positivo, embora relativo, o de achar os meios de persuasão que cada caso implica. “O bom advogado não é aquele que promete a vitória a qualquer custo, mas aquele que abre para a sua causa todas as probabilidades de vitória” (apud REBOUL. 2004 p.24).

Os argumentos de Aristóteles em favor da retórica têm por finalidade provar a tese, admitida desde o princípio, de que a Retórica é útil, pois dela se espera o que se almeja de todas as técnicas: um serviço. Os ensinamentos da arte retórica não valem somente para o discurso judiciário, mas também para todos os discursos públicos, em campos como o direito, a política, as relações internacionais, nos quais se vive uma situação polêmica em que as armas mais eficazes são as palavras. No entanto, são as palavras as que permitem discernir o justo do injusto, o útil do nocivo, o nobre do desprezível. A retórica é indispensável, pois é através do uso da palavra que apresentamos os fundamentos da legitimidade e da persuasão.

A retórica não é considerada apenas a proteção dos pobres. É a arte de defender-se argumentando em situações em que a comprovação não é possível; em algumas situações surgem noções mais elementares, que não pertencem ao senso comum, mas à esfera das próprias opiniões, à maneira como se questiona a ciência. Aristóteles afirma que o papel da retórica é a arte de encontrar tudo que uma situação tem em seu contexto de persuasão.

Aristóteles escreveu uma série de textos sobre a retórica que foi transmitida pela tradição sob o título de *Retórica*. Parece ser que essa obra consistiu da reunião de vários escritos do filósofo grego sobre a arte retórica, feitos em diferentes períodos de sua vida. É questão debatida se foi o próprio Aristóteles quem fez aquela recopilação ou se foram seus discípulos.

Nessa obra Aristóteles tratou, entre outras coisas, dos meios de persuadir. Ele identificou três meios de persuadir. O primeiro é derivado do caráter (*ethos*) do orador quando ele se apresenta a si mesmo sob uma luz favorável. O segundo consiste em despertar emoção (*pathos*) na audiência que ouve o discurso de forma tal que ela faça a avaliação que é desejada pelo orador. O terceiro consiste em mostrar a verossimilhança do que é concluído por meio do argumento (*logos*).

O Livro III da Retórica está dedicado ao estilo (*lexis*) e a disposição dos argumentos (*táxis*). A palavra *lexis* se refere à forma de dizer algo, em contraste com *logos* que se refere ao que é dito. *Táxis* se referem à ordem em que devem ser colocados os argumentos, isto é, quais vão a primeiro lugar, se os mais fracos ou os mais fortes, quais devem ser colocados a seguir, etc.

Aristóteles tinha uma concepção do uso retórico da linguagem apenas a serviço da verdade, que é justa e tem maior força natural do que seus contrários.

Entende-se que o domínio da arte retórica tem o sentido de um instrumento a serviço da verdade, da justiça e nunca a serviço do engano e da ilusão.

Os gregos eram grandes esportistas, mas também se destacavam por cultivar uma disputa puramente verbal, a dialética, na qual dois adversários se enfrentam diante do público. Essa disputa consistia em que um deles sustentava uma tese; e o outro a atacava, afirmando o lado oposto da questão. O vencedor da disputa era aquele que, prendendo o adversário em suas contradições, conseguia fazer com que ele ficasse em silêncio, para a alegria do público. A dialética de Aristóteles é “apenas a arte do diálogo ordenado. O que a distingue da demonstração filosófica e científica é raciocinar a partir do provável. O que distingue da erística sofística é raciocinar de modo rigoroso, respeitando estritamente as regras da lógica”. (apud REBOUL, 2004, p. 28).

Percebe-se que a dialética é uma competição em que se torna fundamental avaliar o adversário, pois se ele tiver pouca experiência, deverá ser atacado com exemplos, ou analogias; se for experiente dar-lhe-ão raciocínios dedutivos contrários. Aristóteles ensinou em seu tratado *Os Tópicos* procedimentos, truques próprios para desorientar o adversário num torneio dialético. Esses recursos, que consistem basicamente em encontrar formas de argumentação que dissimulem a conclusão, impediriam o adversário de ver aonde o argumentador pretendia chegar, a exemplo das estratégias do jogo de xadrez. Este jogo que é a Dialética, deve ser jogado respeitando suas regras: ele tem por objetivo chegar à conclusão num tempo limitado. As regras do jogo estão apresentadas nos oito livros dos *Tópicos*. Aristóteles apud Reboul (2004, p.32) [...] “o jogo tem o fim em si mesmo”, ou seja, jogar por jogar, pelo prazer e a beleza que resulta da disputa travada se compartilha com o público.

No segundo capítulo do primeiro livro dos *Tópicos* estão apresentados os benefícios oferecidos pela dialética: uso pedagógico, filosófico e o social. A Dialética oferece um meio para exercitar a mente. Além disso, serve para conhecer os princípios básicos das ciências.

Os princípios lógicos só podem ser justificados a partir de um raciocínio dialético. Seria impossível justificá-los demonstrativamente, pois toda demonstração pressupõe seu uso. Justificar demonstrativamente um princípio lógico é fazer um círculo. Por último, a Dialética serve para entreter; é como um passatempo que permite o convívio social entre diversas pessoas.

O que a Dialética e a retórica tem em comum? Segundo Aristóteles, as duas disciplinas ensinam como provar uma tese. As duas são universais porque ensinam a argumentar sobre qualquer assunto e podem ser ensinadas metodicamente. Ambas as disciplinas fornecem a capacidade de fazer a distinção entre o verdadeiro e o aparente, usando dois tipos de argumento: a indução e a dedução.

Elas são duas disciplinas diferentes, mas que se cruzam; Dialética é um jogo intelectual, que em suas possíveis aplicações, comporta a retórica. A diferença entre elas estaria dada pela situação comunicativa que analisam. Na Dialética trata-se de um diálogo entre um proponente de uma tese e um oponente da mesma. Há interação comunicativa entre os dois participantes do diálogo. Pelo contrário, a retórica se ocupa do discurso emitido por um orador em face de sua platéia. Aqui não há uma interação comunicativa entre o orador e sua audiência. Entretanto, em seu discurso, o orador leva em conta as possíveis objeções que sua platéia poderia levantar.

Quiçá seja Aristóteles o primeiro autor que apresentou uma teoria completa do discurso. Ele distinguiu como já se mencionou na Introdução desta pesquisa, entre o discurso lógico ou demonstrativo, o discurso dialético e o discurso retórico. Pode-se obter um critério para separar um dos outros ao levar em conta o contexto de emissão que acompanha esses diferentes discursos. O discurso demonstrativo ocorre no ensino de uma ciência por um mestre que força o assentimento de um discípulo ao mostrar-lhe as proposições que decorrem dos princípios. O discurso dialético aparece quando uma tese é proposta por um dos participantes de um diálogo e o outro participante manifesta o seu desacordo com essa tese. Nesse caso, o discurso dialético visa a resolver uma diferença de opinião, através de argumentos.

O discurso retórico é aquele proferido em face de uma assembleia, uma multidão, ou um corpo colegiado qualquer. A classificação aristotélica dos discursos argumentativos e a identificação de suas respectivas situações de emissão determinaram, para a posteridade, a perspectiva a partir da qual deveria ser considerada a argumentação.

O estudo da argumentação volta-se hoje para o reconhecimento daquelas três perspectivas identificadas por Aristóteles: lógica, dialética e retórica. Os autores que abordam a argumentação desde uma perspectiva lógica, como o caso de Toulmin e dos lógicos formais e informais, estarão interessados, dado um argumento

qualquer, em determinar qual é a força com que se consegue a conclusão a partir das premissas lançadas anteriormente, bem como a ordem e o tipo de encadeamento das razões presentes nesses argumentos.

Os autores que trabalham dentro da perspectiva dialética investigarão as regras que devem ser satisfeitas num diálogo em que o proponente de uma tese e seu oponente busca resolver uma diferença de opinião. Os autores que trabalham dentro do marco teórico da retórica estarão interessados nos recursos usados pelo orador para conseguir persuadir sua audiência.

Para explicitar melhor é de suma importância que se apresente a Retórica como uma disciplina e para isso buscou-se na Retórica Latina de Cícero e Quintiliano os subsídios necessários a essa pesquisa.

1.2 A Retórica Latina: Cícero e Quintiliano

Após Aristóteles, a retórica se instala como uma disciplina essencial na cultura grega helenística. Os romanos também aderiram à arte Retórica. Obras destacadas da retórica latina são O *orador* de Cícero e as *Instituições Oratórias* de Quintiliano, esta última escrita por volta de 93 d.C. Essas obras podem ser consideradas tratados admiráveis.

Ao contrário dos gregos, a sociedade romana já possuía a figura do advogado. Por esse motivo a retórica latina é essencialmente uma retórica forense. Uma das tarefas da retórica latina foi traduzir os termos gregos; a palavra metáfora transformou-se em Cícero em *traslatio*, *epidictico* foi traduzido como *demonstrativum tekhné rhetoriké* como *ars oratória*, ou *rhetorica*. A palavra grega *rethor* terá duas traduções: o executante, isto é, o fazedor de discurso, ou o professor, geralmente de origem grega. O orador deve ser um homem por excelência culto, muito instruído em todas as áreas principais do conhecimento e no Direito. A retórica deverá ser ensinada ao homem desde a infância, em profundidade, a fim de elevar o discurso ao seu nível máximo, que os tratadistas de retórica exemplificam com aquele proferido por um promotor de justiça quando, ao pedir a condenação de um réu, eleva-se a considerações profundas de tipo histórico e social para justificar a necessidade do castigo. Segundo Reboul (2004), o discurso, por influência da obra de Cícero, passou a ser considerado como um organismo vivo em que as partes todas desempenham um papel.

Quintiliano apoiou-se nas ideias de Cícero, mas considera a Retórica como uma arte funcional, que deixa de fora tudo que é inútil. Para ele, a retórica é sinônima de cultura e formação do orador. Ela apresenta-se como um compêndio de toda a educação, em que se deve incluir a gramática como explicação para os textos, e a dialética como uma técnica de argumentação. O educador deverá se esforçar para conciliar a retórica e a Ética.

Sobre as relações entre retórica e democracia é importante dizer que a arte oratória desenvolveu-se numa sociedade, na qual era indispensável saber falar bem e de forma persuasiva. A eloquência floresceu na Democracia. Mesmo tendo desaparecido, a partir do imperador Augusto, a retórica continuou existindo no mundo antigo. O ensino da retórica perdurou durante o Império romano, e o Bizantino, também sendo registrado no mundo islâmico.

Na Europa medieval mostrou-se ligado à pregação religiosa. A partir do fim da República romana perdeu sua ligação com os grandes debates políticos. Ao que confere a retórica fica “adormecida” por anos e mais tarde surge por volta de 1958 como *A Nova Retórica* uma obra que apresentar-se-á a seguir no próximo bloco e que se recuperará nos dias de hoje, em épocas de democracias.

1.3 A Nova Retórica

A obra de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca *Traité de l'argumentation, la nouvelle rhétorique*, foi publicada na Bélgica em 1958 e quase não teve sucesso na época. Essa obra estava longe das preocupações dominantes na Filosofia Ocidental, tanto na sua vertente analítica como na continental. Esse magnífico texto insere na grande tradição retórica de Aristóteles, Isócrates e Quintiliano. *O Tratado da argumentação* contém uma teoria do discurso persuasivo. A abordagem de Perelman-Tyteca permite uma leitura retórica dos textos argumentativos.

O propósito dos autores belgas supracitados era estudar “as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN-TYTECA, 1996, p. 4). Com esse propósito eles romperam com “uma concepção da razão e do raciocínio, oriunda de Descartes, que marcou com seu cunho a filosofia ocidental dos três últimos séculos”. (PERELMAN-TYTECA, 1996, p.1) Segundo essa concepção, o

discurso que pode ser considerado racional é aquele que apresenta evidências. Essas evidências podem ter origem ou na razão, como o pretendeu a tradição racionalista da Filosofia Moderna, ou na experiência, como o pretendeu o empirismo inglês.

Perelman e Tyteca (1996) retomam a concepção aristotélica que admite o provável como podendo ser tema de um discurso racional. O provável é o tema da Ética e da Política. Perelman e Tyteca (1996) distinguem duas formas de discurso racional: a demonstração e a argumentação.

A demonstração é a expressão da racionalidade das ciências exatas e naturais; a argumentação é a expressão da racionalidade própria do discurso político, ético e religioso. A natureza própria da deliberação e da argumentação opõe-se à necessidade e à evidência, pois não se delibera quando a solução é necessária e não se argumenta contra a evidência. O campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, e do provável. Perelman e Tyteca (1996) distingue entre demonstração e argumentação.

Por demonstração entende-se o raciocínio científico. Na demonstração, os termos têm um significado unívoco estabelecido pela comunidade científica, ao passo que na argumentação os termos têm um significado difuso. Isso se deve ao fato de que as definições são o ponto de partida para a ciência, enquanto que no discurso argumentativo é o ponto de chegada.

O discurso argumentativo escolhe seus termos da linguagem ordinária. Como as situações comunicativas em que um mesmo termo da linguagem ordinária ou comum é usado são muito diversas, os termos da linguagem ordinária não têm um significado unívoco. Em contraposição, a linguagem científica não escolhe seus termos na linguagem ordinária, mas usa uma linguagem artificial, um jargão próprio da comunidade científica e restrita a ela. Isso é o raciocínio científico usa um vocabulário técnico, dominado pelos especialistas.

Na demonstração, obtem-se conclusões definitivas, ao passo que as conclusões de uma argumentação sempre podem ser contestadas. Por outro lado, a adesão às conclusões obtidas através de um argumento pode ser reforçada. É por isso que acontece que se ofereçam muitos argumentos a favor de uma mesma tese. O objetivo desse proceder é reforçar a adesão à tese. Assim, no *Fedon*, Platão nos dá três argumentos a favor da imortalidade da alma, e nas suas *Meditações Metafísicas* Descartes expõe três argumentos a favor da existência de Deus. Pelo

contrário, uma demonstração bem feita é suficiente. Se ela for correta, terá provado, sem sombra de dúvida, a verdade de sua conclusão, e não será preciso reforçá-la com novas provas da mesma conclusão.

Para esta pesquisa é importante dizer como foi construída a obra, pois a mesma inicia um novo marco na pesquisa da teoria da argumentação retórica, portanto a obra *Tratado da argumentação A nova retórica* de Perelman e Tyteca (1996) está dividido em três partes: a primeira: “Os âmbitos da argumentação; a segunda, o ponto de partida da argumentação, e a terceira parte, as técnicas argumentativas”. No que se refere à primeira parte, Perelman apresenta sua concepção que pode denominar-se neoaristotélica, pois ela se baseia numa série de distinções propostas por Aristóteles nos *Analíticos*, *Tópicos* e na *Retórica*. Nos *Analíticos*, Aristóteles ocupou-se do raciocínio científico. Posteriormente, esse estudo veio a se chamar de Lógica pelos escolásticos.

Nos *Tópicos*, Aristóteles tratou do raciocínio que parte de premissas prováveis ou plausíveis, leva as conclusões prováveis. Segundo Aristóteles o provável é o que é afirmado pela maioria dos homens, ou pelos mais sábios. Isso é ele chamou de provável as opiniões razoáveis, sustentadas pela maioria dos homens. Os *Tópicos* contêm uma exposição das estratégias que um proponente de uma tese devia usar para defender seu ponto de vista contra um adversário num diálogo.

Por último, na *Retórica*, ocupou-se do discurso destinado a persuadir um auditório. Essas distinções aristotélicas estão detrás da separação que faz Perelman e Tyteca (1996) entre argumentação e demonstração.

Na argumentação a referência a um auditório é essencial. O auditório, ou audiência, é o conjunto daqueles aos quais se deseja dirigir um discurso, seja através da linguagem oral ou escrita, instituída e comum a todos, possuindo uma gramática e sintaxe própria. Por isso Perelman e Tyteca (1996) afirmam que, para argumentar, é preciso utilizar técnicas para obter a adesão do interlocutor e seu consentimento. Mas essas técnicas dependem do auditório para o qual o discurso é dirigido, pois não são as mesmas usadas para persuadir um auditório de professores e administradores de empresas.

O orador ou escritor não deve se apresentar como um dono da verdade, mas também não é o bastante falar ou escrever, é preciso ser ouvido ou lido para que os ouvintes e leitores possam aceitar ou não os pontos de vista expostos. Ele tem que

entrar em contato com seu público, e sua palavra ganha força através dos argumentos proferidos.

O que se considera essencial numa análise retórica de um texto escrito é relacionar à estrutura dos argumentos que o autor apresenta e o léxico que escolhe, com o tipo de público que ele pretende atingir, portanto, para que uma análise retórica se concretize é importante ancorá-la no auditório para o qual a argumentação se dirige.

Assim como um texto escrito está vinculado àqueles que o irão ler, do mesmo modo os argumentos que nele estão apresentados se encontram ligados a esse público leitor, que chamaremos, como no caso do discurso oral, também de auditório.

O auditório de um escritor é, na maioria das vezes um público específico, isto é, um auditório particular. O Padre Vieira escrevia para os católicos; um militante de esquerda para os membros do seu partido: um comentarista de futebol para aqueles interessados nesse esporte.

Entretanto, outras vezes, o autor de um texto escrito tem a pretensão de se dirigir a todos os homens, na medida em que eles são seres racionais. Nesse caso, diz-se que o autor do texto tem como objetivo persuadir o auditório universal: empresários, trabalhadores, professores, políticos.

Para poder influenciar o auditório e ter a adesão do mesmo, o orador, deverá conhecer o seu público para poder mantê-lo atento, quando profere os seus argumentos e poder persuadi-los.

Na demonstração, o auditório não tem importância e o tempo não desempenha nenhum papel, pois a demonstração do Teorema de Pitágoras formulada no século III a.C ainda é aceita hoje. Além disso, como já se diz, uma série de argumentos sucessivos em favor de uma tese pode reforçar a adesão a eles, ao passo que uma demonstração bem feita é suficiente para sua comprovação. Disso decorre que, através de uma demonstração; pode-se ter uma última palavra sobre uma determinada questão, havendo a possibilidade de as conclusões de uma argumentação sempre serem discutidas.

Na segunda parte do *Tratado da Argumentação*, os autores dissertam sobre os pontos de partida da argumentação, seja oral ou escrita. Toda argumentação pressupõe pontos de partida comuns entre aquele que faz o discurso e o auditório para o qual esse discurso será dirigido. Esses pontos de partida podem ser:

proposições em que as duas partes aceitam valores comuns, compartilhados, ou fatos aceitos pelo orador e pelo auditório.

Também nos capítulos II e III da segunda parte do *Tratado da Argumentação* Perelman e Tyteca (1996) ocupam-se da escolha dos dados. Toda a argumentação é seletiva: o autor de um discurso argumentativo escolhe certos dados como ponto de apoio de sua argumentação e negligencia outros que viriam a entrarem em contradição com suas conclusões.

Na terceira parte do *Tratado da Argumentação* os autores apresentam um inventário dos diversos tipos de argumento. Perelman-Tyteca (1996) distinguem quatro tipos de argumentos: os quase-lógicos, baseados na estrutura do real; as ligações que fundamentam a estrutura do real e a dissociação das noções.

Uma leitura retórica dos textos segundo Reboul (2004), não é, por sua vez, no sentido científico, objetiva, pois não se pode dizer de forma definitiva se o texto tem ou não razão no que afirma.

Entretanto, ainda que nunca se possa dizer que um argumento provou sem sombra de dúvida sua conclusão, isso não é um impedimento para que se possam classificar os argumentos, distinguindo os melhores dos piores.

Uma leitura retórica também não é neutra no sentido axiológico, pois não se pode deixar de fazer juízos de valor, pois pode-se compartilhar ou rejeitar a hierarquia de valores que o orador ou escritor usou como premissas no seu arrazoado.

Também é importante acrescentar que diante de um texto é importante fazer alguns questionamentos, que podem ser nomeados como lugares da interpretação. Uma dessas perguntas refere-se ao orador ou escritor, pergunta que é de suma importância para esta pesquisa; outras ao auditório; outra ao discurso no sentido propriamente técnico. Quem é orador? Quando ele argumenta? Contra o quê? Como? Contra quem ele se posiciona? O pronome: “Quem” se refere ao orador, aquele que fala ou que escreve ou àquele contra quem o orador ou leitor argumenta. O advérbio “quando” refere-se ao tempo, a época em que discurso foi proferido.

Todo discurso tende a persuadir alguém de alguma coisa, mas esse algo pode ser múltiplo. Como? É esta uma pergunta sobre a forma como o autor redigiu seu discurso.

Na argumentação, é necessário o acordo prévio entre o orador e o auditório sobre a existência de determinados fatos, sobre a aceitação de determinadas

verdades ou sobre o reconhecimento de determinados valores. Fatos, verdades e valores agem como premissas da argumentação, para tanto daquela proferida pelo proponente de uma tese, como daquela apresentada pelo oponente ou adversário. Viu-se que todo argumento pode ser contestado num primeiro momento. Nesse caso, às vezes pode-se recorrer a uma pessoa competente que decida como árbitro, sobre o que está em questão.

As verdades que servem como ponto de partida da argumentação ou são afirmações necessariamente verdadeiras, como as da Matemática ou as da Mecânica, ou expressam uma lei frequencial como as leis de Mendel. Existem também, como pontos de partida da argumentação, as chamadas presunções. Por exemplo, em todo processo se presume que o réu é inocente. Disso decorre que o ônus da prova, deva cair sobre o acusador e não sobre o acusado. Esses pontos de partida da argumentação são na verdade, pontos de acordo entre o orador ou escritor e seu auditório, e se pensar na situação comunicativa gerada por uma disputa entre o proponente de uma tese e seu antagonista, ou oponente, esses pontos de acordo seriam parte do que proponente e oponente aceitam em comum.

Como pontos de partida da argumentação podem funcionar também os valores e as hierarquias de valores. Eles também variam de acordo com as ideologias e os auditórios. Existem valores universais, mas são formais, adaptáveis a diferentes contextos. Esses valores são o bem, o belo e a verdade. Entretanto, cada auditório vai segundo Perelman e Tyteca (1996) entendê-los de forma diferente. Pode-se distinguir entre valores abstratos (justiça, verdade) e os valores concretos como a Igreja e a França.

O *Tratado da argumentação* denomina o lugar do preferível ao consenso generalíssimo sobre o meio de estabelecer o valor das coisas. Aqui a palavra 'lugar' deve ser entendida como a tradução das expressões latinas, *locus*, e *sedes argumentorum*, ou da grega *tópos*. Um lugar, é neste sentido, ou uma premissa que se supõe é aceita por todos, ou um esquema argumentativo que se presume ser válido. Por exemplo, é um lugar afirmar que quem pode fazer o mais difícil, pode fazer o mais fácil. Existem lugares de quantidade, de qualidade, e lugares de unidade, que, na opinião dos autores do *Tratado da argumentação*, sintetizam os dois primeiros.

O *Tratado da argumentação* ocupa-se também das figuras retóricas e dos sofismas. Os autores dessa obra se afastam da classificação tradicional que

distingue entre figuras de pensamento como a ironia, e figuras de linguagem como a aliteração (repetição de um mesmo grupo de fonemas como em *três, tristes, tigrês*) e o assíndeto (omissão dos conectivos como na frase de Júlio César *vim, vi, venci*). Eles classificam as figuras da forma seguinte de escolha; de definição; de oratória; de presença, de comunhão; de alusão; e a pergunta retórica. Retornar-se-ão a essas figuras no capítulo 4 em que serão tratadas com mais especificidade.

O *Tratado da argumentação* apresenta uma teoria da argumentação de base retórica. Toda teoria da argumentação tem que se ocupar com a questão das falácias ou sofismas. Um sofisma é um argumento aparentemente válido, mas é incorreto. Parece que os criadores dos sofismas foram os sofistas. Esses eram professores ambulantes de retórica que exerceram sua atividade na Grécia antiga, sobretudo em Atenas. A época de ouro dos sofistas foi o século IV a.C. OS sofistas desenvolveram uma técnica, uma arte, que, na verdade consistia na erística chamada pelos antigos. A erística era arte de vencer sempre numa discussão. No intuito de atingir esse alvo, os sofistas usavam argumentos falaciosos.

Os autores do *Tratado da argumentação* apresentam uma classificação dos sofismas. Existem dois sofismas, que se referem ao acordo prévio que existe entre o orador e seu auditório, no caso da situação comunicativa ser retórica, ou ao acordo prévio entre o proponente de uma tese e seu oponente, no caso da situação comunicativa ser dialética. O primeiro dos sofismas mencionado acima é a *ignoratio elenchi*. Consiste em fugir do tema que está se discutindo. Essa fuga pode ser voluntária, tática ou então passional, contribuindo para impossibilitar o debate. O segundo sofisma é a petição de princípio, que, segundo o *Tratado da argumentação*, consiste em assumir como certo o que deve ser provado.

Uma das contribuições mais destacadas do *Tratado da argumentação* reside na classificação dos argumentos que essa obra apresenta. Um primeiro grupo de argumentos distinguido pelos seus autores é aquele dos argumentos quase-lógicos. São esses argumentos, que se assemelham aos usados pelos lógicos e os matemáticos. Por exemplo, dizer Pedro é meu amigo, pois é amigo do meu amigo Luiz, e os amigos dos meus amigos são meus amigos, faz lembrar do axioma da Geometria de Euclides, que diz que duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si. Há nesse argumento que se acaba de apresentar um caráter transitivo. Falando geralmente, cada um dos argumentos quase-lógicos é aparentado com um princípio lógico, como o princípio de identidade, ou numa

relação lógica como a transitividade ou a simetria. São argumentos *a priori*, no sentido que não apela à experiência.

Os argumentos quase lógicos são do primeiro tipo de acordo com a classificação do *Tratado da Argumentação* o que caracteriza a argumentação quase-lógica é, portanto o seu caráter não-formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal.

Argumentos baseados na contradição pura não são fáceis de acontecer como diz: (REBOUL 2004, p.168.) cita como exemplo “a contradição pura, do tipo ‘é branco e não branco’ é raríssima na argumentação que não pode recorrer à prova por absurdo” O que se encontra de forma mais frequente as incompatibilidades, que possuem variações de acordo com meio cultural que estão inseridas.

Para melhor explicitar as incompatibilidade ou pelo menos algumas delas cita-se: (apud PERELMAN -TYTECA ,1996, p.223)” Algumas incompatibilidade podem resultar da aplicação a determinadas situações de várias regras morais ou jurídicas de textos legais ou sacros”. Já o ridículo como aparece em (apud REBOUL, 2004, p.169). “O ridículo está para argumentação assim como o absurdo está para a demonstração: é preciso ressaltar uma incompatibilidade e a ironia é a figura que condensa esse argumento”.

Dentro dos argumentos quase-lógicos, pode-se distinguir o argumento através da definição. Ele consiste em tirar uma consequência a partir da definição de um termo. Um argumento pela definição estabelece uma identidade entre o que é definido e o que define de onde resulta que se possa substituir um pelo outro no discurso sem mudar o sentido do que se quer dizer.

Toda definição é um argumento, pois impõe a um termo determinado sentido, geralmente em função de outros em que o significado é assumido como claro. Em se tratando de um argumento, a própria definição deveria sofrer algum tipo de questionamento.

É por isso que existem discussões sobre como definir um termo. São inúmeras as discussões sobre o que significam os termos *democracia*, *ética*, *consciência*. Aceitar um determinado tipo de definição leva a aceitar uma conclusão. Por exemplo, se define com democracia aquela forma de organização política em que os governantes são escolhidos por votação, deve-se concluir que a

República de Irã e a Venezuela são democracias. Pelo contrário, se define o termo *democracia* de uma outra forma, por exemplo, incluindo na definição a liberdade de expressão, admitir-se-á a admitir que esses dois países não são democracias.

O segundo tipo de argumento é o fundado na estrutura do que é real: eles não se apóiam na estrutura da lógica e, sim na experiência do cotidiano. Este tipo de argumentos é apenas provável, estando o sofisma sempre à espreita, mas contém um grande valor na medida em que possui como pretensão estabelecer um juízo em relação a determinado contexto, mostrando, por exemplo, o valor do efeito a partir do valor da causa e vice versa.

Dentro desse tipo de argumentos convém colocar o argumento pragmático. Ele consiste em argumentar a partir das consequências favoráveis ou desfavoráveis que podem resultar de uma ação. Na verdade, o argumento pragmático goza de muita verossimilhança de modo tal que se obtém facilmente a confiança do auditório. Para ser mais preciso quem quer contestar esse tipo de argumento deve assumir o ônus de provar que as consequências serão diferentes das que são apresentadas pelo argumentador.

A esse segundo tipo de argumento, pertence o argumento pela finalidade, também conhecido como argumento teleológico. O argumento de finalidade foi rejeitado pelas Ciências da Natureza, primeiro pela Física no século XVII e depois pela Biologia nos séculos XIX e XX. Entretanto, ele desempenha um papel fundamental nas Ciências Humanas, e na Ética, pois nessas ciências deve-se explicar ou avaliar as ações humanas, e essas têm um propósito, uma intenção.

Deve ser colocado nesse segundo tipo o argumento pelo desperdício. Ele indica que determinada ação deverá continuar. Por exemplo, emprestar dinheiro se não vai receber de volta e mesmo assim continuar a emprestá-lo, pois se não o fizer se perderá o dinheiro já emprestado.

Já o argumento de direção consiste em rejeitar uma ação mesmo sabendo que ela é boa e trará benefícios. No argumento de superação segundo Reboul (2004) a finalidade tem um papel importante, parte de uma insatisfação inerente ao valor, nenhum ser humano é bom, desinteressado, ou justo demais, sempre tem condições de melhorar. A hipérbole é a figura retórica que condensa estes argumentos.

Dentro de esse segundo tipo de argumento convém colocar o argumento de autoridade, que baseia uma afirmação no valor de seu autor. Por exemplo, se foi

Aristóteles, ou Einstein quem disse que determinada coisa é verdade. Em determinados contextos como a Teologia e o Direito, o argumento de autoridade é legítimo. Assim, é razoável que um juiz balize sua sentença a partir de afirmações tiradas dos textos dos grandes juristas do passado. Em outros contextos, como científico, o argumento de autoridade carece de valor. O argumento *ad hominem* consiste em refutar uma proposição, mostrando que aquele que a defende é uma personalidade odiosa, por exemplo: “era o que dizia Hitler” (apud REBOUL, 2004, p. 178).

O terceiro tipo de argumentos distinguido pelos autores do *Tratado da Argumentação* é aquele que fundamentam a estrutura do real. Ele é empírico, mas não se apóia na estrutura do real, a cria ou a completa fazendo com que entre as coisas apareçam nexos antes não observados e nem suspeitados. Dentro desse tipo de argumento, pode-se situar o argumento pelo exemplo. Na *Retórica*, Aristóteles considerou que o argumento pelo exemplo e o entimema são os dois argumentos paradigmáticos da argumentação retórica.

No *Tratado da argumentação*, o argumento pelo exemplo tem um papel mais restrito, que no caso de Aristóteles. Nessa última obra é um argumento que vai do fato à regra. Assim, se quiser argumentar a favor da tese de que o esforço tem recompensa, pode-se apresentar o caso de um gari que estudava à noite após seu serviço, que se formou depois como administrador e que, finalmente ficou rico como executivo de uma empresa multinacional. Para poder invalidar essa tese tem-se que apresentar um outro exemplo que contradiga o argumento previamente apresentado. Os exemplos podem ser reais ou fictícios. Assim a ilustração é um exemplo que pode ser fictício e que tem por função não provar a regra, mas dar-lhe presença de consciência e reforçar assim a adesão. A ilustração pode ser dita, através de uma palavra ou até mesmo por meio de uma obra inteira.

A comparação pertence a esse terceiro tipo de argumentos. Ela é um tipo de argumento que tem por objetivo justificar um dos termos da comparação. Justifica-se uma nota de um teste ou um montante de salário por meio de uma comparação com outra ou outro da mesma categoria, devendo o argumento ser rigoroso quando comparadas realidades do mesmo gênero.

Neste contexto, o argumento do sacrifício é também um tipo de comparação, pois consiste em estabelecer o valor de determinada coisa pelo sacrifício que é feitos para consegui-la.

O argumento pela analogia constrói-se em uma estrutura do real que de permissão de encontrar e provar uma verdade graças a uma relação de semelhança. Na argumentação segundo informa Reboul (2004), toma-se como exemplo a seguinte sentença Pode-se dizer que Hierarquia é como prateleira quanto mais em cima menos útil.

Nas *Regras para a Direção do espírito*, Descarte usa uma analogia para justificar sua tese da unidade da ciência. Diz o filósofo francês que assim como a luz do sol não se modifica pela variedade dos objetos que ilumina do mesmo modo a razão humana não se modifica pela variedade dos objetos que conhece. Os quatro termos da relação trazida por Descartes são: luz do sol, objetos visíveis, razão humana, objetos inteligíveis. Na verdade a analogia é a contraparte na linguagem natural da proporção matemática. Assim, poder-se-ia escrever de forma matemática:

$$\begin{array}{ccc} \text{A luz do sol} & & \text{Razão humana} \\ \hline & = & \hline \\ \text{Objetos visíveis} & & \text{Objetos inteligíveis} \end{array}$$

Argumentar por Analogia é construir um fundamento na estrutura do real em que haja a permissão para encontrar e provar uma verdade graças a uma semelhança de relações. A Metáfora, segundo os autores do *Tratado da argumentação*, é uma analogia condensada na qual se eliminaram dois termos. Assim pode-se falar do 'outono da vida'. Aqui a analogia que foi simplificada é esta: o outono é em relação às épocas do ano, o que a maturidade é em relação às etapas da vida.

2 PAULO SANT'ANA E SUA COLUNA NO JORNAL ZERO HORA

2.1. Marco teórico

Como o tema deste trabalho está centrado nas estratégias argumentativas usadas por Paulo Sant'Ana é importante situar o marco teórico ao qual se filiou para realizar a análise. Esse é aquele fornecido pela retórica tal como é apresentada no *Tratado da Argumentação* de Perelman e Tyteca. Os autores belgas afirmam que todo discurso se dirige a um auditório (PERELMEN-TYTECA, 1996, p.07), embora não se deva nunca esquecer que a palavra auditório é própria da ideia de retórica tradicional e também no que diz respeito ao público presente quando o orador profere os seus discurso , e público leitor, que não está presente no momento em que o escritor elabora os textos escritos é um público ausente no momento da escrita,mas que o escritor não deve esquecer a quem está se dirigido ao escrever o seu texto embora muitos outros lêem que não seja o público ao qual o autor pensou. |

Quando um autor de uma determinada comunidade científica publica um artigo, ou um determinado texto em revista científica, pode se despreocupar de tentar atrair a atenção do público, porque se sabe que a comunidade científica apresenta por si mesma o veículo indispensável entre o orador ou escritor e o público.

Ninguém que não esteja interessado em Biologia Molecular lerá um artigo científico dessa área ou assistirá a uma conferência sobre os temas dessa disciplina. O mesmo não acontece com o jornalista que escreve sua coluna. Ele deve tentar atrair a atenção dos seus leitores e para isso conta com vários recursos.

Pode dar à sua coluna um título atraente, ou escolher tratar de determinados assuntos, ou também pode conseguir a atenção dos seus leitores através da forma como ele mesmo se apresenta no seu texto, ou até através do modo como ele se dirige aos seus leitores.

Para que realmente a argumentação estabeleça uma comunicação entre o autor e o seu público leitor (auditório) é importante que os fatos ao forem escritos, ou proferidos oralmente dessa parte a adesão do leitor ou ouvinte. Assim, o texto deve

ter determinadas qualidades para que sua palavra seja ouvida, sobretudo na atual civilização em que a forma impressa se tornou mercadoria; dentro de um processo organizacional econômico, é difícil conseguir a atenção do leitor, pois esse, no jornal, tem abundante material para escolher. Ele pode não se sentir atraído pela coluna de Pedro, mas sim pela de Luiz que apresenta um título de mais impacto, ou parece tocar um assunto mais interessante.

A retórica latina ocupava-se da *captatio benevolentiae*, a forma que tem o orador de conseguir a atenção dos seus ouvintes. Uma forma de conseguir esse objetivo é dizer que falará sobre um assunto extraordinário, sobre coisas das quais até o presente não foram tratados, mesmo que sejam importantes. Uma outra forma consiste em dizer que serão apresentadas coisas já sabidas, mas desde uma perspectiva nova.

Por fim o orador pode aparentar humildade, uma espécie de falsa modéstia, como o fez Sócrates, segundo o testemunho que nos deu Platão, na sua *Apologia*, no processo ao qual foi submetido. A *captatio benevolentiae*, deveria ocorrer segundo os tratadistas latinos, no exórdio, a primeira parte do discurso. Essas técnicas para atrair a atenção dos ouvintes podem ser aplicadas de forma fácil no discurso escrito e, por conseguinte numa coluna de jornal.

A melhor argumentação acontece quando se desenvolve, visando a um público determinado. O contato entre o argumentador e o público ouvinte ou leitor é essencial para o desenvolvimento da argumentação, que visa a obter a adesão daqueles a quem se dirige, o auditório que se procura influenciar.

Esse contato pode ser obtido quando o argumentador manifesta compartilhar os mesmos valores ou as mesmas hierarquias de valores que os de seu auditório, ou quando ele consegue provocar um clima de intimidade, apresentando-se no seu texto como uma pessoa humilde, confiável, como alguém que é como qualquer dos seus ouvintes.

Para persuadir o auditório convencendo-o, comovendo-o, agradando-o, não basta a posse da técnica da oratória ou o domínio de um determinado registro da escrita; convém também conhecer as circunstâncias concretas, o contexto social do auditório. Na verdade supunha-se no orador uma formação sociológica. Devia conhecer o homem não em abstrato, mas o homem como pertencendo a determinado grupo social. A retórica antiga não leva em conta o sexo do auditório, pois o auditório era masculino. Entretanto, considerava-se, como lê-se na própria

Retórica de Aristóteles as idades e as fortunas dos ouvintes. Na perspectiva da análise retórica cabe ao auditório determinar a qualidade da argumentação, pois é sua reação face ao discurso o que permite avaliar os oradores.

Segundo Perelman-Tyteca (1996), há uma regra, que é a de adaptação do discurso ao auditório. Por isso os argumentos deverão se adaptar a ele. Quando o autor da argumentação é indiferente, a variedade de auditórios pelo fato de se dirigir a todos os homens na medida em que são seres racionais, isto é, quando o autor se dirige ao que Perelman e Tyteca chamam de auditório universal então o argumentador pode colocar todo seu interesse na lógica do discurso, no encadeamento das razões, pois supõe que seu auditório está composto por seres racionais e competentes.

Entretanto, o jornalista não é um filósofo. Ele deverá se dirigir a um público determinado, os leitores do jornal em que escreve pessoas que pertencem a uma classe social determinada.

Em Breton (1999) um esquema argumentativo consiste em levar determinada opinião de origem da fala ou da escrita do orador seja partilhada pelo interlocutor de maior ou menor força de adesão, por isso também significa dizer que o orador, previamente parte do princípio de que a opinião proposta encontrará respaldo e não resistência, pois senão os argumentos caem no vazio, por isso o discurso deve estar em sintonia com o auditório o orador deverá se preocupar muito com a retórica de seu discurso para haver aproximação e adesão do auditório.

A questão da identificação do auditório, isto é, do conjunto dos destinatários do discurso, apresenta-se difícil de ser resolvida porque muitas vezes deve-se distinguir entre um destinatário real e um destinatário aparente do discurso. Nem sempre o deputado de um determinado parlamento se dirige ao presidente do mesmo; ele pode estar querendo convencer não só os que ouvem, mas a opinião pública de seu país ou estado. Por outro lado, entende-se que quem concede uma entrevista a um jornalista considera que seu auditório é constituído mais pelos leitores do jornal do que pela pessoa que está fazendo a entrevista. Para melhor entender o conceito de auditório, cita-se:

[...] em matéria de retórica, parece nos preferível definir o auditório como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos. (PERELMAN - TYTECA, 1996, p. 23).

Por assim dizer, o conhecimento daqueles que se pretende persuadir, ou até mesmo conquistar, passa a ser condição prévia para qualquer argumentação dinâmica. Já dissemos que, na sua *Retórica*, Aristóteles classificou os auditórios de acordo com a idade e a fortuna. Já Cícero afirma que se deve falar de modo diferente com os homens ignorantes e grosseiros nos quais há uma preferência pelo útil sobre o honesto, e com as pessoas esclarecidas, as que amiúde mostrar em uma preferência por colocar a dignidade a moral acima de tudo.

A variedade de enfoques sobre a argumentação está relacionada à variedade dos textos que são analisados, que abrangem diferentes campos de estudo. A argumentação está relacionada, à demonstração, à discussão, à persuasão e a comunicação. É um dos objetivos da análise argumentativa dos textos identificar os recursos utilizados pelo autor para a produção escrita de um texto argumentativo, para tornar eficaz a comunicação com seu leitor. Identificar os elementos textuais utilizado pelo autor, que são responsáveis pelo efeito de persuasão do escritor para com o leitor, seu auditório.

Para a análise argumentativos dos textos de Paulo Sant'Ana é importante apresentar o autor, a definição do termo coluna, e as escolhas dos temas que deram suporte ao corpus da pesquisa.

2.2 Paulo Sant'Ana e sua coluna no jornal *Zero Hora*

Pelo estilo e riqueza expressiva, os textos de Paulo Sant'Ana são um modelo do uso de diferentes estratégias argumentativas, formando assim um *corpus* interessante para ser analisado por aqueles que se interessam pelo estudo da argumentação. Para descrever os textos de Sant'Ana optou-se pelo termo “coluna” por entender que é um termo próprio do discurso jornalístico em que o significado está dado também pelo dicionário.

Assim lê num dos mais prestigiosos dicionários da língua portuguesa que “coluna” tem, entre outros, o seguinte significado: “cada uma das divisões de uma página impressa ou seção regularmente publicada em periódicos” (HOUAISS, 2004, p.170). Com esta definição, justifica-se o uso desse termo para descrever os textos de Paulo Sant'Ana que são analisados, desde a perspectiva retórica, nesta dissertação.

O autor Sant'Ana denomina o seu texto como coluna em sua publicação no Jornal *Zero Hora*. "Prêmio Nobel da Asneira". "Só não valerão para o concurso as asneiras que por ventura este colunista vier a escrever nesta coluna" (ANEXO K₁). Pretende-se com isso justificar a adoção do termo coluna para descrever os textos do jornalista.

Em outra coluna "A visão de um leitor", Sant'Ana publica um texto de Moacyr Scliar que diz: "a coluna de Sant'Ana não passa despercebida"(ANEXO C₁) palavras esta ditas por outro autor consagrado, membro da Academia Brasileira de Letras.

Reconhece-se um recurso estilístico muito usado pelo autor Paulo Sant'Ana quando ele quer dizer alguma coisa sobre si mesmo, cita outros autores que assim o fazem de forma generalizada pessoas importante, assim ele toma emprestadas para falar de si mesmo as vozes de outros autores.

Pode-se reconhecer na coluna de Sant'Ana uma estrutura argumentativa semelhante àquela da argumentação no âmbito forense. As teses que defende podem aparecer seja no início, no meio ou não fim de sua coluna, o que permite uma semelhança no estilo de escrever de Sant'Ana à forense é a presença da *narratio*, um pequeno texto narrativo colocado para dar suporte às teses que o jornalista quer defender.

Parece que Sant'Ana tem em vista um público leitor (esse seria seu auditório ou audiência no sentido da Nova Retórica) formado por um público de idade acima dos 40 anos, masculino. Assim verifica-se que em 36 colunas selecionadas para esta pesquisa que ele menciona em torno de 53 pessoas do sexo masculino, de várias profissões, normalmente com cursos de nível superior.

. Quando se refere a outras pessoas de uma forma genérica, utiliza expressões que indicam pessoas de sexo masculino tais com: pai, garotos, advogado, diretor, especialista em segurança, .infelizes, professor, adolescente, irmão, filhos dos pobres, galo missioneiro, pedinte, homem, interino, bêbados , policiais, técnicos científicos, brigadeiros, presidente, velho, dono, drogados, maridos casados etc.

Entre as poucas mulheres mencionadas por Sant'Ana estão a governadora Yeda Crusius , e a candidata à presidenta da República, Heloísa Helena, (ANEXO H) . Às vezes, em sua coluna se refere as mulheres que são pessoas comuns, que se encontram em situações difíceis da vida cotidiana.

Assim aparece na coluna com o título é: “Um holocausto programado”. Nesta coluna o autor se refere à filha de uma pessoa doente que peregrinou por todos os hospitais da cidade a procura de uma vaga para sua mãe (ANEXO A).

Na coluna “A nossa perdição” o jornalista se refere ao controle da natalidade escrevendo como segue. “Ora, uma avó com 30 anos significa que se cristaliza entre nós já há umas três gerações que as garotas são mães precocemente” (ANEXO D).

Em resumo, a mulher aparece na coluna do jornalista na maioria das vezes numa situação de dificuldade, de fraqueza. Outras vezes aparece como objeto do desejo masculino. Poucas vezes, aparece numa situação de igualdade com o homem.

Ainda que o jornalista se ocupe na sua coluna com assuntos que, em princípios, seria de interesse da maioria da população do estado, o fato é que pelas escolhas lexicais que ele faz e dos conhecimentos do mundo que pressupõe em seu leitor, ele pode ser compreendido por pessoas acima dos 40 anos.

Assim numa coluna “A aspa do boi brasino” ao escrever “Quem escapou daquele guampaço é capaz de tudo, até de conseguir o prodígio de, qual novo El Cid ainda vir ser governador”¹ (ANEXO H), ele se refere ao Cid Campeador pressupondo dos leitores que conheçam a existência desse herói medieval que agiu na Reconquista de Espanha. Noutra coluna ao usar o termo “holocausto” evoca idéias e conhecimentos que nem sempre estão presentes na mente das pessoas novas. O mesmo acontece quando Sant’Ana menciona episódios da história do Brasil.

Fez-se um levantamento de parte do léxico usado pelo jornalista. Identificaram-se um conjunto de palavras que não são de uso comum, colocadas em um quadro com as datas e títulos das colunas selecionadas. Consultar quadro léxico utilizado nas colunas (ANEXO S).

O estilo do autor permite caracterizar o tipo de público ao qual o autor se dirige. Mesmo, às vezes, o jornalista para se expressar, escolha um estilo simples, quase popular, na maioria das vezes predomina o uso de um estilo mais complexo, com um léxico refinado, e com uma construção frasal complexa.

1 El Cid também é uma referência aos ideais cavaleiresco, na Idade Média. O poema épico do *Mio Cid* descreve as façanhas de Dom Rodrigo Ruy Diaz de Bivar denominado pelos Mouros “El Cid Campeador”. Ao qual Sant’Ana compara o político e ex governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra.

A construção do texto com relação a normas de coerência e coesão está correta, mas nesta pesquisa não se analisaram tanto esses aspectos, que são de interesse para a linguística textual, mas os de interesse do uso da linguagem para obter a persuasão.

A investigação sobre o léxico usado pelo autor teve a intenção de demonstrar a riqueza do vocabulário usado pelo jornalista, assim como o público leitor ao qual ele pretende dirigir-se. Também se identificaram as figuras retóricas que o autor usa, não só como meio para embelezar a prosa, mas como usa para persuadir o seu leitor, um meio de persuasão.

As estratégias argumentativas usadas por Sant' Ana são bem elaboradas. Muitas vezes usa argumentos pelo exemplo. Na maioria dos casos esses exemplos são reais, tirados da vida cotidiana. Amiúde o jornalista usa na construção de sua coluna outros textos de autores normalmente do sexo masculino. Outras vezes ele cita autores clássicos.

Considera-se importante acrescentar informações que digam respeito a carreira do jornalista. Usou-se, para esse fim uma entrevista que ele concedeu a Mariana Bertolucci (BERTOLUCCI, 2007, p.4). Seu nome completo é Francisco Paulo Sant' Ana. Ele é jornalista e delegado de polícia aposentado. Foi o primeiro cronista esportivo do Rio Grande do Sul a declarar preferência por um clube de futebol. Antes de ser delegado trabalhou como feirante e participou esporadicamente do programa esportivo *Conversa de arquibancada*, na extinta TV Piratini antes de começar a escrever sua coluna em 1972.

Desde 1964 já se desempenhava como inspetor de polícia. Nessa entrevista, o jornalista disse que seus trabalhos para ganhar a vida serviram de suporte e inspiração para escrever em jornal, o que faz até o presente momento. Por volta de abril de 2007, contabilizava em torno de treze mil e setenta colunas publicadas, sobre vários temas. Nesse mesmo ano completou 35 anos de crônica em rádio e jornal. Sobre o que escreve, define: “O melhor de mim é quando me comove o melhor dos outros. O melhor de mim é quando me inquieta o pior que recai sobre os outros” (SANT'ANA, 2003, p.05).

Coletaram-se para a análise os textos publicados pelo jornalista em sua coluna em *Zero Hora* desde abril de 2006 até abril de 2007. O critério de seleção foi temático. Consideraram-se aqueles textos que tratam sobre temas que têm uma atualidade permanente como a morte, a saúde o amor, a velhice, a política, ou

aqueles em que se disserta sobre problemas que ainda afligem à sociedade brasileira como a organização do sistema de saúde. Esses são assuntos que, ao serem abordados pelo jornalista de modo claro e ao mesmo tempo atraente, e por tocar questões espinhosas da existência humana, acabam atraindo a atenção de grande parte dos leitores de *Zero Hora*. Como muitas vezes esses temas acabam-se contaminado pelo senso comum, as interpretações deles são tantas e tão variadas como o é a formulação simbólica que lhes foi outorgada pela sociedade ao longo do tempo. Resumindo, os textos selecionados são tipicamente argumentativos e não perdem a atualidade pelo fato de tocar em assuntos de interesse quase universal.

Percebe-se que o autor argumenta a partir dos fatos da vida cotidiana, mostrando a vida das pessoas comuns, as agruras do povo e a esperança das multidões. Quanto às colunas escolhidas para a análise, pode-se dizer que traduzem uma percepção pessoal e brilhante dos costumes, assim como a expressão dos afetos do jornalista.

Após a apresentação do autor e de sua coluna publicada em *Zero Hora* que é o objeto de estudo da pesquisa, e os temas em questão, assim como também um levantamento do suposto público ao qual se dirige, passa-se ao próximo estudo que é a sistematização, as definições dos argumentos apresentados pelos autores, que darão suporte a esse estudo.

3 ANÁLISE RETÓRICA DOS TEXTOS DA COLUNA DE PAULO SANT'ANA

3.1 A invenção dos argumentos

Para definir melhor as estratégias argumentativas usadas por Sant'Ana, é importante apresentar como aparecem estas estratégias caracterizadas dentro do sistema da Retórica antiga e da nova Retórica. Na exposição a seguir apoiou-se em Reboul (2004).

Ao reabilitar a retórica contra os ataques de Platão no *Górgias*, Aristóteles integrou-a em uma visão sistemática do mundo, transformando-a em um sistema que seus sucessores completaram, mas não modificaram.

O sistema retórico apresenta-se da forma seguinte: a retórica tem quatro partes. A primeira é a invenção (*heurésis*), ou arte de encontrar argumentos para um assunto ou para uma causa, no caso da retórica forense.

A segunda parte da retórica é a disposição (*táxis*), o estudo da forma de colocar em ordem os argumentos proferidos.

A terceira parte é a elocução (*lexis*), em que se trata da forma como expressar as ideias e argumentos encontrados. Nessa parte se discutem as questões referentes ao estilo e às escolhas lexicais do autor do discurso, no intuito de obter a persuasão.

A última parte do sistema retórico é a ação (*hypocrisis*) cujo tema é a forma de proferir o discurso. Aqui se discutem questões como a entonação com que deve ser proferido o discurso, e os movimentos e os gestos que o orador deve fazer. A este sistema a Retórica latina acrescentou uma quinta parte: a arte da memória. Essa arte consiste em uma série de mnemotécnicas importantes numa cultura, como a da Antiguidade clássica, na qual os oradores proferiam seus discursos de memória.

Como encontrar assuntos para um discurso? Como encontrar argumentos para defender uma tese? Eram essas as questões que se colocavam na invenção retórica. Às vezes o orador escolhia um tema da mitologia. Assim Górgias o célebre sofista grego, escreveu *O Elogio de Helena*, e a *Defesa de Palamedes*, em que se trata dos discursos sobre personagens da mitologia grega. Outras vezes o orador podia tomar um texto de um adversário, ou um texto conhecido de todos, como anti-modelo, o que significa criticar esse texto e no decorrer da crítica ir apresentando as

próprias ideias e argumentos. Esse procedimento de produção textual continuou até a época contemporânea. Assim falava *Zaratustra* de Nietzsche é um texto produzido a partir de anti-modelos, os Evangelhos.

A partir da época helenística surgiu uma outra forma de produzir um texto a partir de outro texto: o comentário. Ao comentar um texto de outro autor, desenvolvem-se ideias novas e encontram-se novos argumentos para assuntos novos.

Por último, na tentativa de produzir um discurso ou um texto escrito o retor tinha também à sua disposição os lugares de argumentação (*loci* em latim, *tópoi* em grego antigo), esquemas argumentativos, mas também reservatórios de temas para um discurso. Sobre esses lugares da argumentação abordar-se-á mais adiante.

Segundo Reboul (2004), que menciona os tratadistas antigos da Retórica, existem três gêneros oratórios: judiciário, político e o epidíctico. O discurso judiciário é proferido nos tribunais. O discurso político ou deliberativo é proferido em corpos deliberativos ou nas assembleias políticas. O discurso epidíctico é aquele que faz um orador numa cerimônia cívica ou fúnebre. A cada um desses discursos corresponde um tipo diferente de auditório. Assim então há também três tipos de auditório afirma, Aristóteles (*Retórica*, 1385 a) assim sendo há necessidade de adaptarem-se ao tipo de auditório, às pessoas, ao qual se dirige o discurso.

Há também uma importante questão, segundo Reboul (2004), que diz respeito aos três gêneros de discurso que Aristóteles apresenta: os três gêneros se distinguem pelo tempo. O discurso judiciário refere-se aos fatos passados, pois é em relação a esses que cabe julgar, qualificar e esclarecer.

O discurso deliberativo ou político refere-se ao futuro, pois se delibera sobre o que se vai fazer. O discurso epidíctico refere-se presente, pois nesse tipo de discurso, o orador através de sua fala busca reforçar a adesão dos seus ouvintes a valores eternos. Há hoje, sem dúvida, outros tipos de discurso persuasivo, mas o mérito de Aristóteles foi mostrar que o discurso pode ser classificado segundo o auditório e a finalidade que busca obter. Para exemplificar, descreve-se e apresenta-se o quadro, a seguir conforme a análise de Olivier Reboul:

	Auditório	Tempo	Ato	Valores	Argumento-tipo
Judiciário	Juízes	Passado	Acusar	Justo	Entinema
		(fatos por julgar)	Defender	Injusto	(dedutivo)
Deliberativo	Assembléia	Futuro	Aconselhar Desaconselhar	Útil Nocivo	Exemplo (indutivo)
Epidíctico	Espectador	Presente	Louvor Censurar	Nobre Vil	Amplificação

Quadro 1: Os três gêneros do discurso
Fonte: Reboul (2004, p. 47).

Para melhor exemplificar, pode-se dizer que, quando um advogado vai fazer uma defesa, um estudante preparar uma determinada exposição, um publicitário fazer uma propaganda, eles deverão passar por essas etapas da invenção: compreender o assunto reunir todos os argumentos, que possam ser úteis ao propósito visado, considerar todas as objeções possíveis. Feito isso, deverão percorrer as outras etapas da arte retórica: pôr em ordem os argumentos encontrados e redigir o discurso encontrando as figuras retóricas e o léxico adequado para persuadir seus ouvintes ou leitores.

Antes de passar a analisar as estratégias argumentativos usadas por Paulo Sant'Ana em sua coluna e os tipos de argumentos que ele apresenta. Destaque-se que o autor escreve em forma de coluna. Na maioria das vezes as colunas estão divididas em partes separadas por triângulos coloridos. Quanto à estrutura, o número de parágrafos varia. Os textos denotam a influência da escrita judiciária reconhecendo-se a presença de um léxico culto. Para apoiar suas teses, muitas vezes o autor utiliza expressões de grandes pensadores e escritores, quase todos eles de sexo masculino. Como cita:

É que as gente estão no mundo, mas formam elas o seu próprio mundo, o seu círculo, a sua vizinhança, este estranho fenômeno que coloca no pináculo dos valores hierárquicos da existência uma entidade insuperável que se chama pago [...].(SANT'ANA, 2006, p.63)

Veja-se como Sant'Ana encontra seus argumentos; às vezes usa o paradoxo. Na Retórica, um paradoxo define-se como uma tese que se opõe àquilo na qual a maioria das pessoas acredita. Diz-se que o criador dos paradoxos foi o filósofo Zenon de Eleia no século V a.C, que apresentava argumentos para negar o fato óbvio de que as pessoas, animais, plantas e demais coisas se movem. Uma forma de encontrar argumentos para um texto ou discurso é se opor às crenças que as pessoas acreditam. Esse tipo de expediente é usado por Sant'Ana. Assim, no texto "Um grande amor", o jornalista faz a afirmação paradoxal de que a suprema declaração de amor de um homem para a mulher amada, não é dirigida à mulher amada, mas à fê-lo para sua rival. (ANEXO K). É interessante esse texto porque mostra pela sua temática (o homem casado e suas amantes) que ele, como a maioria dos outros textos do jornalista, está dirigido a um público masculino de uma determinada faixa etária. O que não quer dizer que o que o jornalista escreve em sua coluna seja só lido por homens, da mesma forma que uma revista ou suplemento dirigido para mulheres pode também ser lido por homens.

Outras vezes, o autor usa a técnica de dissociação de conceitos. No *Tratado da argumentação*, Perelman–Tyteca (1996) colocam esse tipo de argumentação como uma das principais formas de argumentar ao lado dos argumentos quase-lógicos, dos que estão fundados na estrutura da real. Dissociar um conceito significa separar os diversos significados que ele tem.

Na coluna "Ser velho" pode-se entender que o autor se refere as pessoas com idade de 50 anos, ou mais, posto que seja pelo jornalista a partir da definição da palavra "velho", e dos diversos significados que essa palavra adquire nos diferentes contextos em que é usada. É um texto em que o jornalista começa afirmando que sabe o que é ser velho. Nos três primeiros parágrafos, o jornalista afirma que muitas pessoas se encontram confusas em relação a esse conceito.

Aqui vê-se que o autor apresenta um tema universal, a velhice, debatido em todos os tempos e culturas, basta que se lembre do célebre *De Senectute*, sobre a velhice, de Cícero. É interessante observar que o jornalista que começa seu texto desenvolvendo a análise de um conceito de uso cotidiano o faz progredir dando voz às falas comuns que se expressam em lugares comuns como "velho é um estado de espírito", "a velhice não está no corpo, está na cabeça". Aqui se reconhece o uso pelo jornalista dos *tópoi* de argumentação, tema o qual será apresentado em breve,

mas não apenas o autor introduz no seu texto as opiniões das pessoas comuns, mas também fundamenta suas posições, citando o grande poeta grego Sófocles: “Ninguém ama a vida como aquele que está envelhecendo” (ANEXO M₁). É digno de ser observado, que esse uso de autoridades, grandes escritores e pensadores, é feito pelo jornalista, de uma forma tal, com uma naturalidade, que o leitor ou ouvinte não recebe esse texto como de alguém que é pernóstico.

Entretanto, essas referências cultas usadas por Sant'Ana ajudam a identificar o público ao qual ele se dirige. Aquelas referências são apropriadas para um público leitor possuidor de certa cultura. Mesmo arriscando-se a ser reiterativo, um é o público para o qual o jornalista escreve; outro, não necessariamente o mesmo, é o público que efetivamente lê essa coluna. Para a análise retórica, interessa só o primeiro.

O jornalista não dá apenas voz nos seus textos às opiniões de homens célebres, ou às opiniões sustentadas pela maioria dos homens comuns. Ele cria um efeito que poder-se-ia chamar de intimidade ou familiaridade com o leitor ao citar pessoas como seu cardiologista, o médico Lucchese, pois qual é o homem de meia-idade de classe média que não consultou alguma vez um especialista Paulo Sant'Ana diz “ Parece-me que Lucchese quis dizer que toda pessoa que se ofende quando a chamam de velho ainda não está velho”(ANEXO M₁).

No terceiro parágrafo do texto “Ser velho”, o jornalista apela para os afetos, recurso utilizado para prender o público leitor (auditório). No quarto parágrafo, ele refere-se a um amigo que não querendo ser velho pinta o cabelo e paga a passagem do ônibus, do qual é isento, para continuar com uma aparência jovem. No quinto ele, refere-se às situações de uso da palavra “tio”, como eufemismo para dizer velho, por exemplo, quando um menino quer pedir esmola. No texto também o jornalista cita nomes dos lugares que frequenta em Porto Alegre, mais uma vez no intuito de estabelecer certa familiaridade com seus leitores. No final do texto esclarece a sua opinião sobre a velhice usando o recurso poético da rima nos pares quero/claro, definitivamente/ irrecuperavelmente/ tristemente velho, paixão/aptidão. Tem-se aqui um caso que, na Retórica, intitula-se aliteração: repetição com fins persuasivos de um mesmo grupo de fonemas. A seguir apresentar-se-á os *Tópoi* que pode-se definir também como o lugares de onde são tirados os argumentos.

3.1.1 Os *tópoi* ou lugares de onde são retirados os argumentos

Às vezes encontram-se no discurso argumentativo expressões do tipo “isso é bom na teoria, mas não na prática”, “isso é autoritarismo”, “aquilo não é científico” expressão que funcionem como premissas de um argumento. No primeiro caso para desqualificar uma tese, no segundo para rejeitar uma proposta prática ou teórica qualificando-a de autoritária, e no terceiro para rejeitar uma opinião. O uso dessas expressões no discurso argumentativo repousa na seguinte crença: que a utilidade e não a consistência teórica deve ser o critério para a aceitação de uma tese, que o autoritarismo é um desvalor, e que a ciência determina o que é verdadeiro e razoável, sendo o que dizem os cientistas a palavra última sobre qualquer assunto. Esses pensamentos são crenças que a maioria das pessoas aceita. A partir, então, daquelas crenças pode-se argumentar da forma seguinte:

a) “Não se podem determinar as nossas políticas pelo que diz a Igreja, porque o que ela afirma é bom na teoria, mas não na prática”;

b) “A polícia não pode despejar os estudantes que se trancaram na reitoria da Universidade porque isso é autoritarismo”;

c) “A crença em espíritos deve ser abandonada, porque ela não é científica”.

As expressões supracitadas acima e colocadas entre aspas são o que os antigos tratadistas de Retórica chamaram *tópoi* (grego antigo), *loci* (latim) ou lugares da argumentação. Quando elas, de tanto serem repetidas e aceitas, se transformam em *cliché*, denominam-se de lugares comuns. Mas um *tópoi* não é necessariamente um lugar comum.

Na escrita de Paulo Sant'Ana se reconhece o uso de *tópoi*. Assim na coluna com o título: “Ser Velho”, o jornalista afirma: “Quando se é jovem, nunca passa pela cabeça a ideia nem da velhice nem da morte”(ANEXO M₁). Essa afirmação é um lugar de argumentação tão antigo que se encontra no livro II da *Retórica* de Aristóteles. Nessa obra, o filósofo grego afirma que o discurso proferido por um orador deve se adaptar a seu auditório ou audiência. Não se fala da mesma forma, disse Aristóteles naquela obra, ao jovem, ao homem maduro e ao idoso. Da mesma forma não se fala do mesmo jeito ao pobre e ao rico. Essa determinação da estrutura do discurso pelo seu auditório é um traço essencial da análise retórica de um discurso argumentativo.

Segundo a Retórica antiga, a tópica estudaria o conjunto de lugares da argumentação e as formas de seu uso. A abordagem a este tema será assim: em primeiro momento identificar-se-ão alguns dos lugares de argumentação que se usam nos discursos de hoje, para que, a partir disso, tente-se obter uma definição do que é um lugar de argumentação. Depois far-se-á uma viagem no tempo, indo de Aristóteles, passando pela *Lógica de Port-Royal* até o *Tratado da Argumentação* de Perelman - Tyteca, analisando como foram tratados os lugares da argumentação.

O filósofo poderá arguir que as concepções científicas mudam que o que ontem era considerado verdadeiro já não é mais (por exemplo, a Astronomia de Copérnico ou a Física de Newton), que a Antropologia física e biológica foi usada para justificar concepções racistas e genocídios, etc. Mesmo assim apelar à ciência é uma estratégia argumentativa usada frequentemente por jornalistas, políticos e até pelos próprios cientistas, sendo que os cientistas com intuito de angariar fundos para suas pesquisas.

As concepções científicas funcionam assim como crenças nas quais o conteúdo é aceito pela maioria dos homens razoáveis. Esses conteúdos servem de apoio para obter conclusões em diferentes âmbitos. Apelar à ciência funcionaria assim como um lugar de argumentação. Então após as leituras feitas pode-se dizer que um lugar de argumentação é um conjunto de crenças admitidas pela maioria dos homens, crenças que servem como premissas para justificar uma conclusão.

Também é frequente hoje apelar, no discurso argumentativo, ao que se denomina de politicamente correto. Entende-se por “politicamente correto” um conjunto de valores como a tolerância às minorias étnicas, religiosas e sexuais, a liberdade de expressão, o laicismo, a rejeição ao autoritarismo, a igualdade entre homens e mulheres, valores que são próprios das democracias modernas. Assim alguém poderia argumentar que é necessário haver mulheres no sacerdócio, porque homens e mulheres devem ter os mesmos direitos.

Mais uma vez, o filósofo poderá lançar um olhar cético à aceitação desses valores, lembrando que os mesmos mudam com o tempo e com a sociedade. Entretanto, para a maioria das pessoas, a aceitação dos valores do “politicamente correto” funciona como um conjunto de premissas inapeláveis, que justifica as conclusões de uma argumentação. Pode-se então, dar uma outra caracterização de lugar de argumentação que é a seguinte: um lugar comum é um conjunto de valores

e uma hierarquia entre eles, que servem como suportes para justificar uma conclusão.

Os lógicos inventaram e estudaram certos esquemas ou formas de raciocinar que têm a característica de, premissas verdadeiras alcançar conclusões verdadeiras. Por exemplo, o esquema que é conhecido como *Modus Ponens* justifica o raciocínio presente na coluna da direita, a seguir:

Se p então q	Se a temperatura é menor a 0 graus a água congela
p	A temperatura agora é menor a 0 grau
—————	—————
Logo q	Logo, a água vai congelar

Figura 1 Modus ponens

Um outro esquema é aquele que os lógicos chamam de Bárbara:

Todo A é B	Todo felino é mamífero
Todo B é C	Todo mamífero é vertebrado
—————	—————
Todo A é C	Todo felino é vertebrado

Figura 2 Esquema Bárbara

Fonte estudos antigos.

Esses esquemas são usados nas demonstrações matemáticas e no raciocínio científico experimental, mas também nas falas quotidianas. Eles permitem uma progressão do discurso, porque autorizam passar das premissas às conclusões, conservando a verdade, pois se sabe que, ao usar esses esquemas, pode-se passar de premissas verdadeiras a conclusões verdadeiras.

Haverá alguma coisa análoga a esses esquemas na teoria da argumentação? Na argumentação parte-se de verossimilhanças para concluir verossimilhanças, e não como na Lógica de verdades necessárias para verdades necessárias.

Por outro lado na, a Teoria da Argumentação, a diferença da Lógica trabalha com conteúdos a lógica é formal. Na Teoria da Argumentação interessam o

significado e a referência das expressões que aparecem como premissas de um argumento, e não apenas se essas premissas são verdadeiras ou falsas. Mas se considerar aqueles esquemas lógicos como estratégias de raciocínio encontrar-se-á na Teoria da Argumentação algo análogo a eles. Por exemplo, está-se discutindo sobre a situação dos direitos humanos em Cuba, se alguém é simpático ao regime político dessa ilha, e o outro é adversário, ao regime político da ilha e supostamente estiver fazendo um discurso para justificar a afirmação de que lá não são respeitados os direitos humanos. Pode-se dizer assim: “Espera, tu estás enganado”, porque na verdade, entende-se por direitos humanos os direitos à educação, à saúde, à moradia, e esses direitos são respeitados em Cuba. Redefinir um termo, neste caso o termo “democracia”, é uma estratégia argumentativa muito comum, da qual Aristóteles se ocupou nos *Tópicos*, nos Livros VI e VII.

Pode-se, então, dar uma terceira definição de lugar de argumento ou *topos*: Entende-se por lugar de argumentação uma estratégia argumentativa padronizada, que pode ser aplicada a diferentes discursos argumentativos, que versem sobre diferentes domínios.

Na Antiguidade clássica, encontram-se vários discursos sobre a brevidade da vida e sobre a necessidade do uso moderado das riquezas. Na Idade Média, sobre as mudanças da fortuna. Esses temas funcionam como assuntos a partir dos quais se pode construir um discurso argumentativo. Pode-se, então, dar uma quarta caracterização a um lugar de argumentação: é um tema a partir do qual se pode construir um discurso. Aqui lugar tem o significado que se dá à palavra tópico.

Assim funcionam os diferentes significados da expressão “lugar de argumentação”. A seguir apresentar-se-á o uso dos Paradoxos.

3.1.2 O uso dos paradoxos

Na obra *Introdução a Retórica*, de Oliver Rebou, apresenta-se o paradoxo como sendo “uma opinião que contrária a opinião comum” (REBOUL, 2004, p. 219). Pode-se dizer também que se faz uma afirmação contrária à crença geral estabelecida. Não significa, porém, que o paradoxo seja falso como quando se afirmou, por exemplo, a Terra é que gira ao redor do Sol.

Já para Plebe (1992) afirma que o paradoxo é uma dissociação conceitual ou até mesmo semântica da linguagem ordinária que resulta numa oposição a uma

sentença que pertence ao senso comum. É realizado com freqüência como uma eliminação mental de um aspecto da realidade comumente reconhecida, que é substituído por uma asseveração ou por um conceito repentino. O paradoxo é:

O paradoxo também chamado técnica, que não é uma invenção de segundo grau porque não pressupõe nenhum conceito já teorizado: tampouco é invenção a partir do nada, já que pressupõe uma opinião comum, mesmo que para isso não esteja elaborada numa teoria verossímil, e propõe inventar algo que vá contra essa opinião, *dóxa* sendo por isso uma contra-opinião, um *paradoxon* (PLEBE E EMANUELE, 1992.p.43).

No paradoxo a extração vai junto com a criação: retira-se das massas as opiniões existentes. O paradoxo pode ser visto como um instinto criativo, que guia a retirada da ideia que há possibilidade de inverter.

O jornalista Paulo Sant’Ana utiliza-se do paradoxo em seus textos através de exemplos retirados de sua coluna de publicação diária no Jornal *Zero Hora*. Assim: “Enfim, a igualdade,” o autor apresenta a seguinte questão: se as policias, brigada militar, polícias civis, deveriam ter salário equiparado aos da polícia federal, pois para tarefas idênticas a remuneração deveria ser idêntica. O paradoxo se apresenta porque isso, até agora, injustamente não vem sendo aplicado (ANEXO D₁).

Aqui o paradoxo reside na violação da regra de justiça, regra que constitui para nós uma parte essencial de nossa moral. Perelman e Tyteca (1996) colocam essa regra dentro dos argumentos quase lógicos, na Terceira parte do *Tratado da Argumentação*. Segundo os autores belgas, “A regra de justiça requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integrados numa mesma categoria” (PERELMAN-TYTECA, 1996, p. 248).

Um outro uso do paradoxo para iniciar um discurso argumentativo, encontra-se na coluna: “O feliz,” motivado por um samba *Saudades do Mirai* de Ataulfo Alves , que segundo Sant’Ana lançou a expressão genial “ eu era feliz e não sabia”. O jornalista escreve “ser feliz e não saber que se é feliz é em suma não ser feliz.” Para concluir paradoxalmente, que tão idiota quanto não perceber, que era feliz é contrariamente ser infeliz e desconhecer que é infeliz (ANEXO G).

Em outras colunas há o uso de paradoxo como segue: “É só questão de ponto de vista” o jornalista afirma o seguinte: [...] “vejam bem que uma piedade pode nascer muito bem do ódio” (ANEXO E).

Na coluna “O ponto de vista”, o autor menciona dois exemplos de paradoxo em seu texto: “Mas eu fiquei perplexo que, sob o meu ponto de vista, eu concretamente desejei ontem à tarde que estivesse muito mais doente da parótida”. No outro parágrafo aparece o segundo exemplo de paradoxo: “Exatamente como as pessoas que, estando solteiras, sonham em casar-se. Depois, estando casadas, sonham separar-se, mas se casam pela segunda vez”. Os exemplos por si só definem o paradoxo (ANEXO E₁).

Na coluna “Eleitor Encurralado”, Sant’Ana apresenta outro o paradoxo: “Desta forma, não há chance alguma, para o eleitor, que não quiser ser punido draconicamente senão votar ou de ser malvisto ou execrado se votar em branco ou anular seu voto, de protestar?” Ao usar o recurso do paradoxo expressa também o seu desacordo com o voto obrigatório (ANEXO A₁).

Depois de apresentar os exemplos analisados de paradoxo, que é um recurso utilizado pelo autor, passa-se ao uso da Prolépse e das analogias. Importante informar que se adotou o critério de utilizar até, no máximo cinco exemplos de cada item, que uma mesma coluna apresenta, às vezes, mais de um exemplo.

3.1.3 O uso da Prolépse e das analogias

No contexto da teoria da argumentação, entende-se por Prolépse a ação de um orador que consiste em se antecipar a um argumento possível que um adversário real ou fictício, poderia levantar contra as teses que aquele defende. O discurso de Sant’ Ana não é dialógico. Para conseguir progredir ele deve introduzir objeções possíveis para, no processo de refutá-las, estabelecer suas próprias teses, assim na sua coluna: “Em nível de indignação” Sant’Ana discute a objeção possível que diria que não pode o “Poder Executivo fixar vencimento de integrantes do Poder Judiciário e Poder Legislativo; seria a intromissão de um poder em outros dois poderes independentes”(ANEXO P).

Outra estratégia argumentativa usada por Sant’Ana consiste no uso da analogia. Em seu *Tratado da argumentação*, Perelman-Tyteca (1996) colocam o argumento por analogia entre as ligações que fundamentam a estrutura do real. A analogia consiste de uma semelhança não entre coisas, mas entre relações. Raciocinar por analogia é quando se diz que A está a B como C está a D. O que se estabelece é que a relação que existe entre A e B é semelhante à relação que existe

entre C e D. O par de analógico que é mais conhecido se chama *foro* da analogia ao passo que o outro par se chama o tema da *analogia*

Para exemplificar encontra-se a seguinte analogia. “Assim como os olhos dos morcegos são ofuscados pela luz do dia, a inteligência de nossa alma é ofuscada pelas coisas mas naturalmente evidentes”(ARISTÓTELES, 1933, lv.933 b)

Nessa analogia, os olhos dos morcegos e a luz do dia são o par que constitui o foro da analogia. O tema da analogia consiste nos pares de coisas e a relação entre elas que se quer caracterizar.

Apresenta-se um breve histórico sobre a argumentação por analogia. Na época imperial, depois de Quintiliano, um texto feito por Tácito, *Diálogo dos oradores* apresenta pessoas que se perguntam por que a eloquência entrou em decadência após Cícero. Um dos protagonistas desse diálogo, Messala, dá uma explicação contundente: esse declínio se deu pela preguiça dos jovens, quanto ao desleixo de sua educação, fato tantas vezes repetido até agora.

A arte oratória desenvolveu-se em uma sociedade em que era indispensável a prática da democracia. Os oradores se formavam naturalmente ouvindo as discussões e debates e tomando partes deles. Isso era importante, pois os oradores descobriam as técnicas que outros oradores usavam e notavam as reações do público.

Raciocinar por analogia lembra Tácito: não é sentir saudade da desordem democrática, apenas porque ela formava bons oradores, da mesma forma que querer uma guerra porque ela cria heróis. Observa-se a seguinte sentença: “Raciocinar por analogia é construir uma estrutura do real, que permite encontrar e provar uma verdade graças a uma semelhança de relações”(REBOUL, 2004, p.185).

Reboul (2004) apresenta um exemplo de uma analogia satírica, no qual, hierarquia é como uma prateleira, quanto mais para cima menos útil se torna. Neste exemplo, percebe-se que há duas relações: o tema, que se pretende provar, que é a afirmação que hierarquia não possui proveito em seu cume; e o foro, que quanto mais alta for a prateleira menos acesso se tem ao topo dela .

Sant’Ana usa em sua coluna muitas vezes a argumentação pela analogia. O primeiro exemplo, que se apresenta na coluna “É só uma questão de ponto de vista” refere-se ao enforcamento de Saddam Hussein. O ditador iraquiano foi enforcado como Tiradentes. A primeira conclusão: tanto um tribunal quanto o outro coadunou

os aplausos de seus respectivos povos. Saddam é culpado, mas quem garante que Tiradentes não era culpado quando o condenaram? Contudo, a história redimiu Tiradentes e, da mesma maneira, não há as garantias de que Saddam não se tornará um herói daqui a 214 anos, período desde a morte de Tiradentes (ANEXO E).

Na coluna “O auge da dor”, o jornalista pergunta-se sobre os critérios que a direção da Varig usou para chegar a uma difícil escolha que lembra a dolorida escolha de Sofia²? Quais funcionárias continuariam trabalhando? Quais serão os que permanecerão e por que são aqueles os escolhidos para permanecer? Com relação à demissão, quais os escolhidos para ser demitidos. Tem-se, então um argumento por analogia (ANEXO G₁).

Em outra coluna o argumento por analogia se forma da seguinte maneira. “Um grande amor” como segue o exemplo: “Amor sem ciúme, mocotó sem vinho. Gre-nal sem gol, e vício sem proibição” (ANEXO K).

Na seguinte colunas “O interino” apresenta-se da seguinte forma: “ vamos então que coragem do espontâneo para enfrentar o touro que pertencia ao toureiro é a mesma que tem de ter o interino para escrever no lugar do colunista original”(ANEXO L1). São esses exemplos de argumentação por analogias. Passa-se aos argumentos pelo exemplo e os entimemas, recurso utilizado pelo autor em suas publicações.

3.1.4 O argumento pelo exemplo e os entimemas

Aristóteles considerava que havia dois tipos de argumento que eram próprios da arte retórica: o argumento pelo exemplo e o entimema. O argumento pelo exemplo seria o equivalente retórico da indução, ao passo que o entimema corresponderia ao silogismo dedutivo. No caso da argumentação às vezes, os exemplos são reais, e outras vezes são fictícios como no caso das alegorias e as fábulas.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) consideram o argumento pelo exemplo como fazendo parte de ligações que fundamentem a estrutura do real. São elas

2 STYRON,William. Referência ao livro: Escolha de Sofia , que conta a história de uma mãe polonesa, filha de pai anti-semita, presa num campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial , forçada por um soldado nazista a escolher um de seus filhos para ser morto.

ligações que não estão baseadas na estrutura em si do real, mas na forma como compreendem a realidade. Dentre as ligações, que fundamentam a estrutura do real, o argumento pelo exemplo faz parte daquelas inferências que concluem por meio do exame de casos particulares. Entre elas distingue-se além do argumento pelo exemplo, a ilustração, o argumento pelo modelo ou anti-modelo, e o argumento que toma o ser perfeito como modelo.

O exemplo a seguir foi retirado do texto de Sant'Ana "Prender onde?" O autor Paulo Sant'Ana, ao referir-se ao número de pessoas que cometem delitos e crimes, diz que faltam presídios. Ao argumentar sobre esse assunto, apresenta o seguinte exemplo: "Mas isso é matemático. Há já hoje no presídio central mais de 4 mil detentos, espaço em que caberiam apenas 700..."(ANEXO F₁). Aqui o jornalista usa o caso do presídio central de Porto Alegre para generalizar sobre a situação de todo o sistema carcerário brasileiro.

O argumento pelo exemplo está sujeito a críticas. Como é sabido pode se encontrar exemplos tanto a favor como contra de uma mesma tese. Na argumentação pelo exemplo vê-se o traço típico da argumentação retórica, a saber, a capacidade de argumentar em forma persuasiva tanto a favor com em contra de uma mesma tese. Aliás, a questão da determinação do número e do tipo de exemplos que devem ser considerados para justificar uma tese é um problema de resolução complexo, que faz parte da teoria da inferência estatística.

A argumentação retórica está longe de satisfazer a essas pesadas exigências lógico-epistemológicas. Lembre-se que seu objetivo é persuadir e não provar o que é verdadeiro. Sendo assim, não se pode, entretanto, negar os efeitos persuasivos da argumentação pelo exemplo. O autor se utiliza desse recurso para chamar a atenção sobre a questão penitenciária no Estado, que também mostra um problema social de todo o país. Assim, o exemplo serve como estratégia argumentativa do autor para convencer o público leitor da situação de caos penitenciário, em que se encontra o país.

Em outra coluna "O Feliz", o jornalista utiliza um exemplo fictício. Assim, ele diz "Uma pessoa miserável, pobre mesmo, daquela cuja miséria é irreversível, não há Bolsa-Família nem SUS que a salve, que, no entanto, não se dá conta de sua realidade, essa pessoa, vejam bem, se sente feliz". Na verdade aqui se tem além de uma argumentação pelo exemplo, uma argumentação pelo paradoxo (ANEXO G).

No início desta seção foi explicado que, na Retórica ao lado da argumentação pelo exemplo encontra-se também a argumentação através de entimemas. O entimema tem sido definido de duas formas diferentes.

com a sua doutrina do silogismo. Aristóteles pretende resolver os impasses criados pela simples dicotomia, apresentando um encadeamento que segue uma direção incoercível, rumo a uma conclusão. Com efeito, o *silogismo* seria um raciocínio no qual, determinadas coisas sendo afirmadas, segue-se inevitavelmente uma outra afirmativa. Assim, partindo-se das premissas expressam “Todos os homens são mortais” e “Sócrates é homem” conclui-se que é mortal (ARISTÓTELES, 1978, p. 15).

Reboul (2004) chama o silogismo empregado pela argumentação cotidiana de entimema diferenciando-se o entimema, do silogismo demonstrativo, porque suas premissas não são proposições evidentes. Entretanto, elas não são arbitrarias, geralmente são *endoxa*, opiniões razoáveis. O efeito persuasivo do entimema decorre da pressuposição de que o ouvinte já possui um conhecimento sobre o assunto tratado.

Toma-se o exemplo, a fábula do “Lobo e o cordeiro”. O lobo diz ao cordeiro: “Estás turvando minha água. Que atrevimento!”. A palavra “minha” neste contexto condensa um polissilogismo: turvar o que é meu é atrevimento (sacrilégio), estás turvando a água, a água é minha, logo isso é um atrevimento. Vê-se como nessa fábula o silogismo que é utilizado pela argumentação é um entimema (La FONTAINE apud por REBOUL, 2004, p.155)

O exemplo e o entimema são provas fornecidas pela inteligência, que tornam efetivamente o discurso retórico mais parecido do discurso demonstrativo.

Entretanto, a demonstração retórica, como se viu, não segue o rigor da lógica formal, pois é concebida numa dimensão comunicativa, voltada e adaptada a um auditório. Passa-se a disposição dos argumentos no próximo item.

Em Reboul (2004) ao referir-se a uma cadeia de entimemas ele nos expõe que esta cadeia, parte do fato admitido por todos, que para melhor exemplificar utilizou-se um exemplo da coluna de San’Ana, coluna “A alegria do esmolar”, assim a pergunta apresentada por San’Ana: “o que aconteceu em Santo Ângelo?”. Ele conta o que aconteceu começando pela pergunta que, é uma características necessárias para construir essa cadeia de entimemas, pois dizem que deve-se ser contra dar esmolas, sendo estas suficientes para definir o ato de dar esmolas, porém dar esmola é um ato de caridade, caridade é uma virtude completa, esses dois

argumentos explicam o seu conteúdo formal. Nesse momento surge a decisão: incorreta é proibido dar esmolas, nota-se que dar esmolas é apenas um meio, não a solução para o problema. A esse esquema chama-se cadeia de entimema.

3.2 A Disposição dos argumentos

A segunda parte da Retórica era chamada na Retórica latina de *dispositio* (disposição) e na grega de *táxis*. Depois de reunir o material, de juntar as provas, a disposição consiste na distribuição das partes dentro do todo de modo a reunir e construir uma unidade complexa, em que as palavras não fiquem soltas. Depois de montar o discurso, propõe-se um roteiro, um plano. O orador se comporta como um estrategista de guerra que põe os argumentos em ordem, se comparar-se a um campo de guerra. Para tanto o orador deve colocar a ordem nos argumentos.

A ordem desse grande sintagma, que é o discurso, não é a ordem lógica. Na ordem lógica vamos dos primeiros princípios até suas consequências. A ordem do discurso também não é uma ordem heurística ou inventiva. Não necessariamente devem ser colocados no início do discurso aqueles argumentos que descobrimos em primeiro lugar.

Na argumentação retórica deve se levar em conta o receptor do discurso. Os argumentos descobertos em primeiro lugar pelo emissor do discurso não necessariamente serão aqueles que terão mais impacto nos seus ouvintes. No decorrer dos tempos, a Retórica foi formando um padrão organizativo para a exposição do discurso. Segundo Reboul (2004) afirmava que o discurso devia ter duas partes: uma que consiste na exposição do problema, e a outra na exposição das provas. Aristóteles admitia que se podia acrescentar uma introdução e uma conclusão.

A disposição em si é um plano ao qual se recorre para construir o discurso. Ainda segundo Reboul (2004) houve autores que propuseram diversos planos tipos que teriam até sete partes, mas em geral, os tratadistas da Retórica chegaram a mencionar quatro partes: o exórdio, a narração, a confirmação e a peroração. Mas essa disposição encontra-se, sobretudo ligada ao discurso forense. O exórdio é uma introdução. Sua função é atrair a atenção do ouvinte ou do leitor, afirmando que o discurso ocupar-se-á de coisas até agora nunca ouvidas, ou de eventos surpreendentes, o que ele apresentará uma nova perspectiva sobre fatos que são de

domínio público. Mas também no exórdio age o que a Retórica clássica chamava de persuasão pelo *ethos*. O orador pode usar no exórdio uma estratégia persuasiva que a Retórica latina chamou de *captatio benevolentiae*, conseguir a boa vontade do ouvinte ou do leitor, se apresentando como uma pessoa humilde, sincera, confiável.

A narração, segunda parte do discurso, consiste no relato dos fatos acontecidos. Assim num discurso forense dir-se-ia “a tal hora e em tal esquina o carro verde ultrapassou o sinal vermelho. Aconteceu um acidente, duas pessoas ficaram feridas, uma delas veio a falecer. A perícia determinou que o motorista dirigia embriagado etc.

A confirmação é a parte mais densa do discurso, pois é nessa parte do discurso que o orador deve apresentar sobretudo a provas intrínsecas e extrínsecas e cabe a ele defender sua proposição. A confirmação é a parte essencialmente argumentativa do discurso. É o momento do discurso em que se alegam provas que sustentem a própria proposição e em que há uma preocupação em invalidar os argumentos contrários. Eventualmente ocorre a tréplica que é usada nos debates políticos da televisão em tempos modernos. A peroração é a parte do discurso em que se tiram as conclusões. Nessa parte se usa o recurso retórico da amplificação, que, na retórica grega, se chamou de hipérbole.

Eemeren e Grootendorst (2004) definem a argumentação como uma atividade verbal, social e racional dirigida a convencer a um crítico razoável da aceitabilidade de um ponto de vista, avançando um conjunto de proposições, que justifiquem, ou refutem a proposição expressa no ponto de vista. Esses autores holandeses ocuparam-se em teorizar sobre a forma como em um discurso dispõem-se os argumentos.

A defesa do ponto de vista pode consistir em um único argumento. Chamam-se esse caso de *argumentação única*. Mas também pode acontecer que vários argumentos únicos podem se combinar e se organizar de diferentes formas para a defesa de um mesmo ponto de vista. Esses argumentos podem não estar relacionados entre si. Nesse caso *argumentação múltipla*. Também pode ocorrer que os argumentos oferecidos em apoio da mesma tese sejam interdependentes. Nessa situação encontramos o que Van Eemeren e Grootendost (2004) chamam de *argumentação coordenada*.

No final também, poder-se-ia encontrar uma série de argumentos dispostos em forma de cadeia, em que a conclusão de um deles é premissa de outro. Tem-se

aqui um novo tipo de estrutura argumentativa, *a argumentação subordinada*. Pode-se determinar qual é a estrutura da argumentação quando se compreende como a argumentação completa pode dividir-se em argumentos simples e como esses argumentos simples se relacionam um com os outros. Daremos a seguir uma série de exemplos para ilustrar esses conceitos.

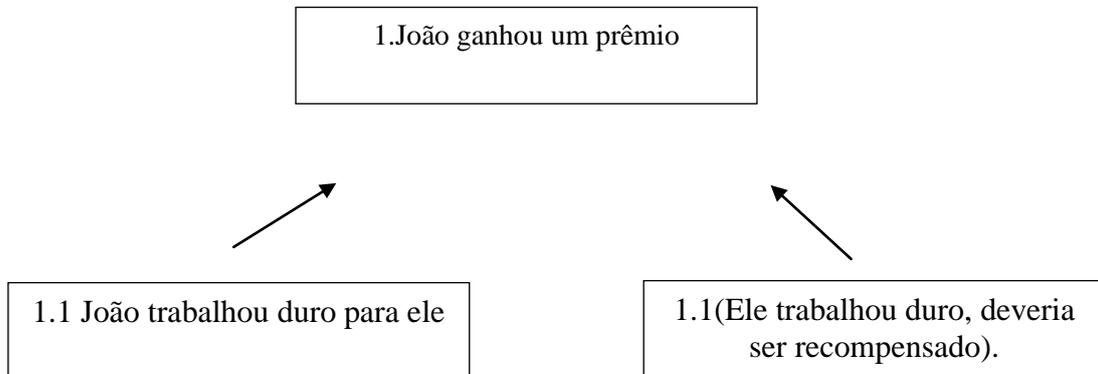


FIGURA 2- Argumentação única:
Fonte Van Eemeren; Grootendost (2004, p.74)

Temos aqui duas premissas e uma conclusão. Uma argumentação única é identificada em primeiro lugar pelo ponto de vista ao que se refere.

Na coluna de Sant'Ana: "Quem sois" aparece um exemplo de argumentação. que coaduna com o que Van Eemeren; Grootendost (2004) denominam de Argumentação Múltipla, o caso em que dois argumentos sustentam o mesmo ponto de vista. Segue o exemplo retirado da coluna de Sant'Ana no diagrama (ANEXO O):

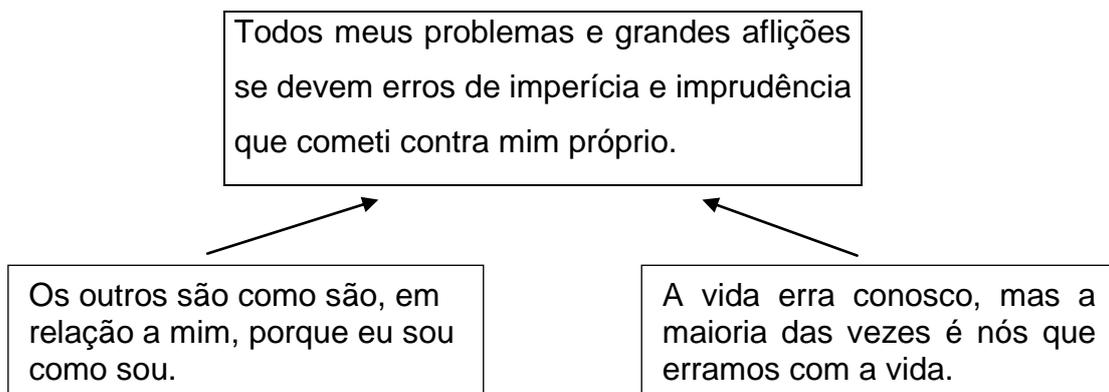


FIGURA 3- Argumentação múltipla
Fonte Van Eemeren; Grootendost, (2004, p.75).

Na coluna “As multidões sem voz”, de Sant’Ana há um exemplo de Argumentação Subordinada. Há uma defesa de um ponto de vista inicial: os passageiros são tratados como gado no transporte coletivo, o exemplo neste caso é um depoimento de um passageiro da grande Porto Alegre, que são transportado como gado no transporte público. O jornalista forma uma estrutura argumentativa subordinada, em que o autor encadeia os demais argumentos (ANEXO B1).

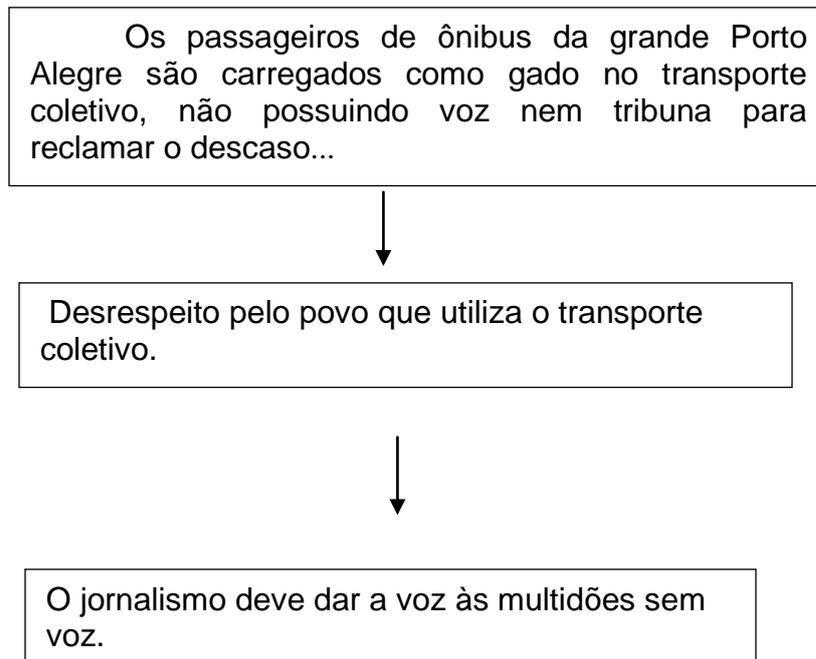


FIGURA-4 Argumentação Subordinada aplicada aos exemplos da coluna de Sant’Ana
Fonte Van Eemerem; Grootendost, (2004, p.76-77).

Na coluna: “A alegria do esmolar” há também outro exemplo de Argumentação Subordinada. Reconstruiu-se o argumento com base no tipo de esquema apresentado em Van Eemeren, Grootendorst (2004, p.75-76). Apresenta-se o exemplo retirado da coluna de Sant’Ana (ANEXO N₁).

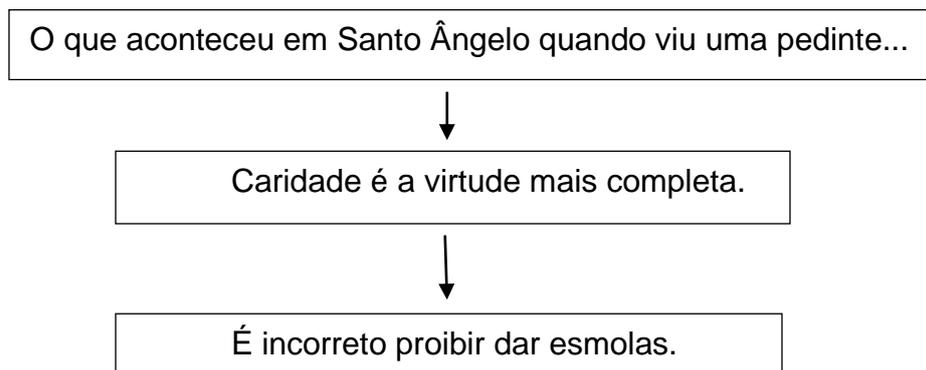


FIGURA-5 Argumentação subordinada aplicada a coluna de Sant'Ana.
Fonte Van Eemerem; Grootendost, (2004, p.75 -76).

Observa-se em estudos feitos que a insistência da Retórica Antiga no planejamento de um trabalho evidencia uma das mais sérias contribuições da Retórica à elaboração do trabalho científico. Quem fala sobre determinado assunto deve saber de onde vai partir, qual o caminho a percorrer e aonde espera chegar. Apropriando-se de uma metáfora, pode-se dizer que o discurso se assemelha a um ser vivo. O problema da disposição se liga a um problema lógico da divisão e classificação, pois a divisão reparte um todo em suas partes, a classificação situa a parte dentro do todo. Após esse estudo da argumentação, única, múltipla e subordinada apresenta-se a narração e a digressão, pois a escrita de Sant'Ana apresenta os itens a seguir:

3.2.1 A narração e a digressão

A narração, *diegésis*, em Reboul (2004), é uma exposição dos fatos referente a uma causa, aparentemente objetiva, mas sempre orientada a uma defesa e acusação. Na narração, o *logos* supera o *pathos* e o *ethos*. Para ter o efeito desejado, a narração deve apresentar três características básicas: clareza, credibilidade e também brevidade.

Na Idade Média aparece uma nova retórica da narração, que se separa do gênero judiciário, mas se arraiga na pregação, citando exemplos de histórias fictícias, que ilustram os sermões. Também dá para dizer que nos tempos atuais, a publicidade e a propaganda se utilizam de narrações breves. Dentro da retórica antiga, a *Poética* de Aristóteles recomendava que a narrativa fosse breve, clara, verossímil para atingir os objetivos do discurso. Pode-se dizer que a argumentação fazia parte dos exercícios escolares e isso de certa forma se mantém vivo até hoje nas escolas.

A narração atravessou os tempos e se mantém atualmente nos tempos modernos. Sant'Ana utiliza esse mecanismo de persuasão ao narrar os fatos da vida cotidiana e relacioná-los com outros, que acontecem na vida de muitas pessoas. O jornalista também se apropria de fontes bíblicas para exemplificar.

Assim, no texto “O chato transatlântico” ele faz uma alusão ao *Êxodo* quando diz: “Mas o local em que o chato vira uma das sete pragas do Egito é no navio de passagens” (ANEXO Q).

Já a coluna “A alegria do esmoler” é um texto, que começa sua escrita pela narração do que aconteceu em Santo Ângelo, uma cidade gaúcha, em que uma pedinte solicita uma esmola para um senhor. O jornalista narra os fatos apresentando os locais onde a ação aconteceu, como se desenvolveu, apresenta sua tese e seus argumentos, e traz para o debate o tema da proibição de dar esmola, fazendo construções textuais próprias da narração. (ANEXO N₁). O jornalista ao narrar apresenta os fatos e, após a narração deles, sua tese segundo o estilo da argumentação jurídica.

A digressão, *parekbasis*, no discurso judiciário, como diz em seu texto Reboul (2004), é um momento de relaxamento. Ela também é eventual, aparece ou não. Ela é móvel aparece em qualquer momento que se faça oportuno. Não se trata de mera divagação, tem sempre um propósito na economia do discurso, serve à causa que se quer defender. O orador sai da estrada real e toma um atalho para depois retornar à unidade do discurso, sem se perder.

Na narrativa a digressão tem como função de distrair o auditório, mas por outro lado pode-se dizer que tem a função de apiedá-lo ou até mesmo de indigná-lo e pode servir como prova indireta quando feita como uma evocação, no sentido de buscar no passado distante o que é preciso provar. No discurso judiciário prevê-se um momento de “relaxamento” digressão, trecho móvel, “destacável” (BARTHES apud REBOUL, 2004, p.59). Na escrita de Sant’Ana em alguns momentos ele apresenta a digressão.

Na coluna de Sant’Ana “Ser velho” o autor constrói o texto sobre o que é ser velho a partir do conhecimento prévio que têm seus leitores sobre a velhice, e no penúltimo parágrafo apresenta uma digressão: “Por falar nisso, nunca esqueço o letreiro que havia no Restaurante Gambrinus, no Mercado Público cuidado com a escada, principalmente na descida’. Eu botei na coluna e, no dia seguinte o Antoninho, dono do Gambrinus arrancou o letreiro de lá. Pior se tivesse demolida a escada” (ANEXO M₁). Fugindo do tema velhice inicial da Sant’Ana busca a digressão, que é um assunto diferente do que estava tratando, um recurso estratégico argumentativo persuasivo.

Na coluna “Tudo Invertido” o autor começa o texto em que tema é também a velhice com uma frase “a velhice é um massacre”. Essa tese expressa a tese pessimista do jornalista. Na segunda parte desse texto ele apresenta uma digressão defendendo os carroceiros “Interessante, essas pessoas alegam que os carroceiros maltratam os animais [...] Como não se pode acabar com os outros, então que se acabe com as carroças.”. No parágrafo seguinte do texto, retoma o tema da velhice. (ANEXO P 1).

A coluna “Um holocausto programado”, desenvolve-se como um alerta sobre a falência dos serviços do SUS. No final do texto aparece também uma digressão, dissertando o autor sobre esporte: “O árbitro Jorge Larrionda teve atuação desastrada ontem no Beira-Rio. Foi rigoroso ao expulsar Christian. Um juiz que mudou para todos os lados o resultado”. Aqui se vê como o jornalista troca, na mesma coluna, completamente a temática proferida, usando digressões, que têm a função, ora de entreter o leitor, ora de amenizar o tratamento de temas muito angustiantes, como a situação de falta de atendimento pelo Sistema Único de Saúde e a velhice (ANEXO A). Nesta coluna o autor faz uma digressão utilizando o esporte para dar uma pausa no tema que esta escrevendo, que no discurso judiciário é um momento de relaxamento, pode-se dizer que segundo Reboul (2004) é um trecho do texto móvel. Passa-se a Elocução.

3.3.Elocução

A elocução no sentido técnico da palavra é o momento em que se redige o discurso quando o orador deve mostrar um domínio profundo da língua. Das quatro partes da retórica, diz Cícero que nesse sentido, a elocução diz respeito ao aspecto escrito do discurso, uma vez que o oral é a ação. O que é importante para esta pesquisa, pois esta se trata da produção escrita em que o orador é o escritor e o auditório é o público leitor.

A elocução supunha um domínio da língua, ao mesmo tempo utilitário e artístico. Quando o orador é excelente, chamamo-lo de eloquente, isto é, um que tem uma notável elocução. Quando se fala em elocução, fala-se também de conhecimento da gramática e da Estilística. Essa última só vai se tornar uma disciplina independente no século XIX, precisamente no momento em que a Retórica desaparece das grades curriculares.

O orador pode ter muitas ideias, conhecimento o plano, mas o discurso só terá valor se estiver escrito num estilo apropriado. A elocução é o ponto em que a Retórica se encontrou com a literatura na antiguidade clássica. Nessa época, o ensino era pouco desenvolvido e era importante que o orador dominasse a arte do bem falar para se fazer entender por todos. “Hoje em dia também, quem quiser persuadir o grande público não poderá permitir-se incorreções nem preciosismos, salvo em ocasiões muito precisas” (REBOUL, 2004, p.61).

Aristóteles recomendava que a expressão fosse clara e adequada. Que a expressão seja clara significa que ela possa mostrar o que se expressa. O vício oposto é a obscuridade. Que a expressão seja adequada significa, segundo LAUSBERG (2004) que à concordância em todas as partes do discurso. Os gregos para se referir à virtude de adequação, usaram a expressão *tò prépon*. A retórica latina traduziu esse termo pela expressão *aptum* ou *accomodatum*. Essas expressões latinas não se referem apenas à concordância interna de todas as partes do discurso, mas também à harmonia do discurso com as exigências e circunstâncias sociais de sua emissão.

Na *Retórica*, Aristóteles deu normas para as escolhas lexicais que deviam ser feitas ao compor um discurso. Devemos nos abster, segundo o filósofo grego, dos termos desusados, dos termos compostos e dos neologismos, devendo-se usar nomes específicos, nomes apropriados e metáforas porque eles se ajustam a expressão própria da prosa. Os nomes específicos *Kýria onómata* são os nomes comuns ou apelativos simples que se usam especificamente para designar objetos.

O que se conserva hoje a respeito do estilo são três pontos, que são exatamente os três pólos do discurso: assunto, auditório e orador. É importante salientar a clareza das palavras para que o auditório possa entender: esta clareza é relativa, pois o que é claro para uns pode não ser para outros. “A primeira qualidade da fala é a clareza, e quando menos talento se tem, maior é o esforço para guindar-se e inflar-se, assim como os nanicos que se levantam na ponta dos pés” (QUINTILIANDO apud REBOUL, 2004, p.63)

Outra regra importante é que o orador deve ser alegre, vivo, engraçado, ou caloroso. O discurso não é ganho só com regras. É o autor que o faz. “O verdadeiro estilo é o discurso onde é possível encontrar o seu autor” (REBOUL, 2004, p.64).

Viu-se então que, desde Aristóteles, a arte retórica se tem ocupado com a questão da escolha do léxico apropriado para redigir um determinado discurso. Os

textos de Sant'Ana trazem termos da linguagem culta, que foram escolhidos pelo autor criteriosamente e que mostram um cuidado extremo com o léxico.

Observe-se que esses termos têm o propósito de atrair a atenção do leitor e principalmente mostram um padrão de escrita culto e bem elaborado. Fez um levantamento dos mesmos, que foram colocados em anexo em ordem alfabética em forma de quadro para melhor verificação e estudo ver (Quadro 1).

Buscou-se também uma caracterização para esse tipo de léxico, pois há um notório desenvolvimento nas últimas décadas das áreas da lexicologia e importantes pesquisas que trazem reflexões a respeito das escolhas lexicais.

No campo das definições, nota-se, que a lexicologia é o estudo científico do léxico e que, para isso, tenta segundo Barbosa (1991) citado por Andrade (2001):

Abordar as palavras como um instrumento de construção e detecção de uma 'visão de mundo', de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexão de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos decorrentes.

Ressaltar-se que o jornalista Paulo Sant'Ana se apropriou das palavras de forma coerente e usou-as como uma maneira de se dirigir a um público "auditório" culto e de uma determinada idade.

O léxico usado em seus textos informa a riqueza vocabular do autor, que usa unidades lexicais específicas para cada texto, frase, ou período ou até mesmo para o título de seu texto. Realizou-se um levantamento desse léxico com a intenção de mostrar que o autor usa a norma culta. É sabido que um estudo baseado na lexicologia seria muito rico e daria ocasião para o desenvolvimento de uma outra pesquisa.

Na coluna "O obvio" ocupou-se do léxico usado pelo jornalista no intuito de caracterizar o auditório (público/ leitor) ao qual se dirige. Assim ao usar a palavra "calvário" num dos seus textos , reconhecemos uma referência aos Evangelhos, ao calvário de Jesus Cristo carregando a cruz. Referência que só pode ser reconhecida pelo leitor que possui certa bagagem cultural. Mas aqui a expressão se usa em sentido metafórico, pois o jornalista se refere ao calvário de construir uma casa (ANEXO M). Nesse texto há dois temas: uma apresentação que o autor faz de si mesmo e o desejo comum dos brasileiros em ter a casa própria. Fato presente em

vários textos dos jornalistas. Como nos textos de Sant'Ana aparecem as figuras retóricas passa-se a apresentá-las.

3.3.1 O uso das figuras retóricas

Nos dias de hoje a retórica se apresenta sob uma dupla face. Por um lado ela é uma teoria da argumentação que visa persuadir um auditório, aproximando-se assim da concepção aristotélica dessa disciplina. Por outro lado, ela aparece como uma teoria sobre as figuras de estilo, as chamadas figuras retóricas. Dessa última forma é considerada a retórica pelos teóricos do grupo μ , como Gerard Genette. Esse fato sinaliza o quanto a retórica é importante, bem como o tratamento das figuras de estilo.

Segundo Reboul (2004) as figuras são “um recurso de estilo que permite ao escritor ou orador se expressar de modo livre, simultâneo e codificado”. REBOUL, 2004, p.113) Além disso são modificações da linguagem seja na palavra, seja na frase, e tanto no nível da expressão, como o todo, para obter efeito poético ou retórico, a figura só é retórica quando cumpre ou exerce um papel persuasivo que é o interesse deste estudo. As figuras retóricas se valem da beleza e o papel das figuras nos discursos é o de persuadir. Toda a figura traz consigo um conjunto de argumentos.

Na obra *Tratado da Argumentação*, os autores afirmam que desde a Idade Antiga em que o homem meditou sobre a linguagem houve um reconhecimento de certos modos, ou expressões, que não se enquadra no uso comum, e a esses modos os estudiosos classificaram como figuras retóricas. Também, pode-se dizer que a retórica, em determinadas épocas, limitou-se aos problemas de expressão e estilo. As figuras foram considerada por (PERELMAN-TYTECA,1996,p.189) “um ornamentos, que contribuem para deixar o estilo artificial e floreado.”

Esses autores afirmam também que as figuras para serem consideradas argumentativas devem ser sempre analisadas em seus contextos de inserção; caso contrário não se pode reconhecer seu papel argumentativo. Sendo assim, o importante é que as figuras argumentativas ocupem um lugar dentro da atividade de persuasão.

Na obra *Introdução à Retórica*, o autor afirma que a “figura é um recurso de estilo que permite expressar-se de modo simultaneamente livre e

codificado”.(REBOUL, 2004, p.113). Quando usa a expressão “livre”, Reboul quer explicitar que não há obrigatoriedade de recorrer às figuras para haver comunicação, mas é importante salientar que existem figuras poéticas, humorísticas, de palavra; todas elas podem ser figuras retóricas quando desempenham um papel persuasivo.

Assim Reboul (2004) vê o prazer da figura, que se deriva da emoção, da comicidade, mas sempre do *pathos*, ou emoção. Tomar-se-á, para os fins de nossa análise, a classificação das figuras retóricas, que fez em sua *Introdução à Retórica*. Ele classifica as figuras retóricas como figuras de palavras, sentido, construção e de pensamento. Usar-se-á também na nossa análise a classificação que aparece no glossário do *Manual de Retórica* de Armando Plebe e Pietro Emanuele.

Paulo Sant’Ana usa em seus textos frequentemente as antíteses. Essa figura retórica está inserida na classificação de Reboul (2004) como uma figura de construção.

Sobre a antítese afirma “dá-se o nome de antítese a uma oposição filosófica de teses, ou a uma oposição retórica que sobressai graça a repetição”.(REBOUL, 2004, p.127.). Apresentam-se no quadro a seguir os exemplos de antíteses retirados dos textos de Sant’Ana.

Quadro 2 - Exemplos de antíteses:

Título da coluna	Exemplo de antítese
“Em nível de indignação”	“É uma justiça entre ela que, no entanto decreta uma injustiça” (ANEXO P).
É só questão de ponto de vista	“O tribunal que julgou o Saddam Hussein me passa a idéia de que é muito mais cruel ao julgar o Saddam do que foi cruel o ex-ditador iraquiano contra seu povo, quando estava em seu poder.” (ANEXO E)
Inferno, purgatório e céu	“Isso não é progressão. Isso é regressão.” (ANEXO B)

Fonte:Elaboração da própria pesquisadora

Outra figura usada frequentemente pelo jornalista é a metáfora que segundo a classificação é como uma figura de sentido “que designa uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança”(REBOUL,2004.p.125). Já os autores: Plebe-Emanuele (1992) considera que ocorre a metáfora quando se substitui um termo ou palavra por outra que tenha uma relação de semelhança. A seguir apresentamos no quadro abaixo exemplos de metáforas extraídas das colunas escritas e selecionadas.

Quadro 3 - Exemplos de metáforas:

Título da coluna	Exemplo de metáforas
“Quem sois?”	“Saiu-me com esta pérola “e” prestidigitação mental”(ANEXO O).
“Inferno, purgatório e céu”	“É exigir demais de um apenado que depois de ter conhecido o mel vá retornar ao vinagre” (ANEXO B).
“Eleitor encurralado”	“Se um sistema eleitoral não consegue erradicar de sua representação os seus cânceres éticos, algo está errado com ele” (ANEXO A ₁).

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

O quiasmo é definido como uma figura de construção, que se baseia em uma oposição, baseada na inversão AB e BA, e não mais na repetição. Para melhor definir essa figura toma-se emprestado o exemplo a seguir: “Deve-se comer para viver e não viver para comer”(REBOUL, 2004, p.128). Ele também é uma disposição cruzada dos elementos que se correspondem por significado e por função gramatical e que compõem um sintagma, assim como aparece no exemplo supracitado. Verificou-se nos textos de Sant’ Anna o uso dessa figura:

Quadro 4 - Exemplo de quiasmo.

Título da coluna	Exemplo de quiasmo
“O óbvio”	“Velho amigo e amigo velho” (ANEXO M)
“Quem sois?”	“Eu sou quem sou por serdes vós quem sois” (ANEXO O)

Fonte: Elaboração pela própria pesquisadora

O anacoluto consiste numa quebra da ordem das palavras. É uma figura que resulta do desejo de imitar a sintaxe do latim. Como nessa língua são flexionados os nomes e os adjetivos, a ordem das palavras não tem influência na compreensão do que é dito. Na língua portuguesa atribuem-se significados diferentes às expressões *Maria ama a Claudio* e *Claudio ama a Maria*. O português dá a diferença de significado entre essas expressões através da posição dos nomes *João* e *Maria*. No latim não se dá essa diferença de significado através da posição dos nomes na frase, mas através da flexão dos nomes. *Mariam amat Claudius* e *Maria amat Claudium* têm significados diferentes mesmo que a posição dos nomes seja a mesma. No resumo, a ordem das palavras não importa no latim porque o sistema de declinações dá as diferenças de significado.

O fato é que muitos escritores das línguas neo-latinas, como Góngora o poeta espanhol do século XVII, tentaram adotar nos seus escritos essa ordem solta das palavras, própria da língua latina. A figura anacoluto surge pela quebra da sequência lógica da frase de forma abrupta, resultando disso uma construção irregular. Também se pode dizer, conforme cita-se “o anacoluto perturba a sintaxe da frase” (REBOUL, 2004, p.129), Nos textos de Sant’ Anna reconhece-se também a presença dessa figura retórica e apresenta-se um exemplo a seguir:

Quadro 5 – Exemplo de anacoluto.

Título da coluna	Exemplo de anacoluto
“Em nível de indignação”	“Soaram tão escandalizados os protestos”(ANEXO P)

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

As figuras de pensamento não se relacionam com o plano do conteúdo, mas com o plano da expressão. Têm-se, entre elas, aquelas figuras relacionadas com o humor e também a ironia, que são encontradas em maior quantidade nos textos selecionados.

Quadro 6 – Exemplo de humor.

Título da coluna	Exemplo de humor
“O ponto de Vista II”	“... em face do crescimento do meu PSF, tinha me submetido a uma biópsia da próstata... E disse meu amigo tu também podes ficar isento do Imposto de renda... A tua biópsia deu positiva?... Não foi negativa... E meu amigo: que azar o teu”(ANEXO F).
“O óbvio “	“E aí conseguiu construir o seu sonho: construir uma mansão, com 18 quartos, oito varandas, quatro salas de jantar [...] enfim uma colossal residência. E depois que construiu e foi morar nela [...],a mansão que tem 12 banheiros, já estou com a idade de fazer xixi nas calças”(ANEXO M).

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Muitos artigos e livros foram escritos sobre a ironia. A moderna pragmática caracteriza a ironia como uma figura que resulta da quebra das máximas da conversação. A retórica antiga depois de Aristóteles ocupou-se dessa figura, usada tanto na prosa literária quanto na filosófica. Dentro desta última, os diálogos socráticos de Platão apresentam abundantes exemplos do uso da ironia. “Nas colunas de Sant’ Ana há muitos exemplos de ironia, por suposta, como se vê.” Na ironia, zomba-se dizendo o contrário do que se quer dar entender. Sua matéria é a antífrase, seu objetivo o sarcasmo” (REBAUL, 2004, p. 132). Acrescenta-se que a ironia é uma figura de pensamento, ao ter dois sentidos, ela pode ser cruel, amena, divertida ou até mesmo grosseira:

Quadro 7- Exemplo de Ironia.

Título da coluna	Exemplo de ironia
“Eu sei você sabe”	1-Atenção mendigos, ladrões, moradores de rua, marginais etc., estamos reabrindo neste momento a Praça Garibaldi, mais uma vez, como tantas outras, entregamos para vocês a praça reformada e renovada. “Agora vocês podem entrar à vontade na praça, podem novamente sujá-la, vandalizá-la, destruí-la” (ANEXO I ₁).
	2-“Agora banqueteiem se vândalos, assaltantes e sujadores-a Praça Garibaldi está sendo reformada e em breve estará novinha em folha para vocês novamente a despedaçarem.” (ANEXO I ₁).

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Na construção de sua coluna de Sant’Ana apresenta dentre outras a hipérbole, que é a figura que condensa o exagero e que está classificada, segundo

Reboul (2004), como uma figura de sentido. Também existem outros exemplos, mas apresentou-se esse, que era menos comum.

Quadro 8 – Exemplo de hipérbole.

Título da Coluna	Exemplo de hipérbole
“Eu sei você sabe”	<p>“ Em suma, vão reformar a Praça Garibaldi, que já vem sendo reformada desde o século passado, intermitentemente.</p> <p>Evidente que com a bola assim picando para a minha tese de que as praças têm de ser cercada para sempre, sou obrigado a chutar este merengue: por sua vez de tapumes já não constroem uma cerca definitiva, o que solucionaria o problema por todos os séculos?</p> <p>Por que? Qual é a cólica mental que obscurece as mentes dos governantes para eles não cerquem os parques e as praças?”(ANEXO I 1).</p>

Fonte: Elaboração da própria pesquisadora

Sabe-se que possuem outras tantas figuras dentre as que foram citadas e exemplificadas, mas se teve o cuidado de salientar as menos comuns, embora outras tanta teriam o mesmo conteúdo e a mesma significação Para esta pesquisa o importante é mostrar as estratégias argumentativas que o autor Sant’Ana utilizou ao construir a sua coluna,o texto propriamente dito. Para a pesquisa também é importante apresentar as teses e as provas. Já que o autor utiliza essa estratégia argumentativa.

3.3.2 As teses e suas provas

Num texto argumentativo a tese é posta em termos gerais em qualquer lugar do texto, seja no início, na metade ou no final. Um texto argumentativo defende uma

tese que muitas vezes surge na tentativa de dar solução, a um problema, que precisa ser resolvido, ou que aguarda uma solução é que é como uma pergunta que aguarda resposta. A tese, ou as teses que se querem defender, são o tema do discurso argumentativo. As teses tratam de questões tanto teóricas como práticas. Existem diferentes estratégias para provar uma tese.

De acordo com: (EEMEREN-GROOTENDORST (2004) distinguem os seguintes casos a argumentação simples, pois um argumento é o suporte de uma tese como já foi comentado anteriormente na disposição dos argumentos.

- a) Argumentação múltipla: vários argumentos independentes, um dos outros, suportam uma mesma tese;
- b) Argumentação coordenada: vários argumentos dependentes um dos outros, suportam a mesma tese;
- c) Argumentação subordinada: temos uma cadeia argumentativa na qual a conclusão de um argumento serve como uma das premissas para o argumento seguinte;
- d) Teses independentes: no texto argumentativo reconhecem-se teses independentes um das outras.

A seguir apresentar-se-á as teses encontradas nos textos de Sant'Ana: o primeiro exemplo é: "Todos ou quase todos os meus problemas e grandes aflições se devem a erros de imperícia e imprudência que cometi contra mim próprio" (ANEXO O). As provas dessa tese são as seguintes: os outros são como são em relação a mim porque eu sou como eu sou. E a outra prova é: a vida erra conosco, mas a maioria das vezes é nós que erramos com a vida.

Na coluna: "Eu sei você sabe", a tese apresentada é de que: as praças devem ser cercadas. A prova é de que se elas não forem cercadas os vândalos as destruíram. (ANEXO I₁)

A coluna: "Um grande amor", apresenta a primeira tese: "A suprema declaração de amor de um homem, para uma mulher, não a fez o homem para a mulher amada, mas fê-lo para sua rival". Para esta tese tem-se a seguinte prova, o argumento pelo exemplo, e este, são as exaltadas canções de Vicente Celestino em que este compositor narra um fato apaixonado de que um homem rasga a foto da amada diante de outra mulher (ANEXO K).

A segunda tese apresentada por Sant "Ana " o velho Lupi ajoelhado diante de sua amada e ela com um revólver engatilhado dentro da boca do grande poeta

popular” A prova dessa tese é através do seguinte entimema: quem ama sente ciúme, se não há ciúme é porque não há amor, e também é o mais importante sentimento humano, o ciúme, exatamente porque ele consiste na mais vibrante e obcecada declaração de amor, (ANEXO K).

A terceira tese, dependente das outras duas, pois o autor escreve: “Repito e acrescento; um homem só terá vivido um grande amor quando tiver um dia se ajoelhado diante de uma mulher ou então tiver chorado diante de uma mulher”. (ANEXO K). As teses estão interligadas aos argumentos e com eles se classificam.

Na coluna “Eleitor encurralado”, o jornalista apresenta um caso de argumentação subordinada. A tese apresentada pelo autor: “O eleitor não tem como manifestar sua decisão com a política, pois é obrigado a votar senão será punido decorre da seguinte tese:” Eu tenho certeza de que, se o voto não fosse obrigatório, o nosso sistema de representação estaria muito mais moralizado (ANEXO A₁).

Na coluna “Call center do crime” a tese que o autor apresenta é: “que cada vez mais o crime supera os organismos de segurança” tese é provada através dos exemplos divulgados, crimes da pior espécie pelos meios de comunicação de massa (ANEXO J).

Na coluna “O ponto de vista (II)” a tese defendida pelo autor é: “A regra filosófica é ditada não pela verdade e sim pelo ponto de vista de cada um.” Essa tese constitui uma declaração em favor do relativismo que tão próximo se acha do espírito da retórica. É bom lembrar aqui que, a oposição da *Filosofia* à *Retórica* na Grécia antiga decorria de duas concepções diferentes da verdade: uma concepção absoluta da verdade, defendida pelos filósofos, e uma concepção relativista, defendida pelos sofistas e retores, segundo a qual não havia verdade nem falsidade, mas só opinião que poderiam ser melhores ou piores. Assim na visão do jornalista “cada um tem a sua verdade, seu sonho, sua visão sobre a sua vida e sobre o seu destino” (ANEXO F).

Na coluna “Lenha, nunca mais!”, a tese defendida pelo autor é “ Só o presente me interessa”. O passado não interessa, pois o passado é feito de muitas dificuldades (ANEXO I).

“Na coluna “A alegria do esmolar,” a tese apresentada é um paradoxo: “ Porque permaneço cismado até agora que a caridade é uma virtude das mais completas, ela acaba trazendo alegria para o doador e para o beneficiado, mais talvez para o primeiro do que para o segundo.”(ANEXO N₁). O mesmo acontece na

coluna “O feliz” em que, o jornalista diz que “A verdadeira e definitiva felicidade talvez seja ser infeliz e não sabê-lo” (ANEXO G).

Na coluna: “Japão severo” a tese defendida é a necessidade de modificar o sistema carcerário ocidentais, pois se sabe que é deficiente e não resolve e ele apresenta isso na voz de outra pessoa, a polifonia, para apoiar seus argumentos e ratificar que no Japão é diferente (ANEXO Q 1). Como considera-se que a teses são muito importante para esta pesquisa apresentou-se mais de cinco exemplos de tese. Passa-se ao texto sobre as perguntas retóricas.

3.3.3 Pergunta Retórica

Uma pergunta retórica é aquela formulada por um locutor, que já sabe sua resposta. Assim o locutor não quer obter através do seu interlocutor uma resposta devido ao fato de que ele já sabe a resposta. Às vezes, a pergunta retórica funciona como uma afirmação atenuada.

Na antiguidade clássica, como consta em Plebe-Emanuele (1992), que Aristóteles reconheceu certa apropriação das técnicas retóricas pela filosofia, mas na verdade quem mais as utilizou mesmo sem admitir foi Platão. Tal reconhecimento fez com que Aristóteles abordasse o procedimento mais central das pesquisas filosóficas que a colocação dos problemas. No livro *Os Tópicos*, Aristóteles coloca os problemas para os quais se busca uma solução em forma de perguntas. Assim; “Um problema de dialética é um tema de investigação que contribui para a escolha ou a rejeição de alguma coisa... quer como ajuda para a solução de algum outro problema do mesmo tipo” (ARISTOTELES, 1978, p.13) Portanto, na época de seu auge na Grécia Antiga, a filosofia foi levada a se apropriar da técnica de pergunta retórica, que continuou a sobreviver até os tempos modernos e é utilizada ainda hoje.

Há, todavia perguntas para as quais se sabe, que não há possibilidade de responder de forma afirmativa ou negativa, pois a própria questão já induz uma resposta, ou de certa forma exclui as duas. Nesse caso a pergunta se chama de *pergunta retórica* que segundo Plebe-Emanuele (1992), xiste outra forma de pergunta retórica, que é usada pela filosofia e inserida na técnica de problematização, que pelos gregos é chamada de *aporía* pelos retóricos latinos, de *dubitatio*, figura retórica que apresenta como uma autêntica dúvida, o que na

verdade não é. Entretanto, deve-se reconhecer diferenças entre as *aporias* e a *dubitatio*. As *aporias* aparecem num contexto filosófico.

Aquelas que aparentam não ter solução foram chamadas na Idade Média de *insolubilia*. A *dubitatio* aparece, mas como uma afirmação atenuada ou enfraquecida. Ao expressar uma *dubitatio* o locutor não assume toda a responsabilidade pelo que diz. Se alguém disser: “Eu não sei se foi por maldade, por cupidez ou por estupidez que Alice agiu dessa forma” está afirmando, de uma forma atenuada, que Alice ou é má, ou é estúpida ou é avarenta. A expressão “eu não sei” é uma via de escape, aberta ao locutor, para não assumir a responsabilidade plena pelo que diz.

Em Reboul (2004), a pergunta retórica é apresentada como um argumento em forma de pergunta, um questionamento. Analisamos no *corpus* selecionado, a presença de perguntas retóricas e sua função argumentativa.

Na coluna de Sant' Ana em que tem o título de: “Quem sois?” apresentam-se os seguintes exemplos de *dubitatio*: “não sei se da lavra dele ou em consórcio com algum sábio” e “Não sei onde li um verso que sempre martela minha cabeça” (ANEXO O). Nesses dois exemplos há o que se chama de uma pergunta carregada de dúvida.

Na coluna “O auge da dor” a pergunta retórica é feita também carregada de dúvida, pois veja-se o exemplo: “Será que a empresa levou em conta que os funcionários de mais de 45 anos de idade dificilmente encontrarão colocação no mercado da aviação e em outras empresas? (ANEXO G₁). Obviamente a empresa não levou em conta esse fato, pois agiu movida por considerações financeiras e não sociais.

Na coluna “O ponto de vista”, a pergunta retórica formulada é: “Dá para entender a mente humana?”(ANEXO E₁).

Na coluna “Nuvens plúmbeas no céu”, a *dubitatio* expressa é: “De quem mesmo foi a ideia de convidar o Feijó para ser vice ? “(ANEXO J₁).

Embora o jornalista saiba a resposta das perguntas feitas, ele lança a dúvida e forma a pergunta para despertar no leitor a curiosidade e a atenção. Por outro lado, formular perguntas retóricas é uma forma de afirmar sem correr o risco de ser responsável pelo que se afirma. Após os exemplos de pergunta retórica passa-se a formas de persuasão.

4 AS FORMAS DA PERSUASÃO

Na pesquisa de Reboul (2004) apresenta que o mérito de Aristóteles foi apresentar que o discurso podem ser classificado de acordo com o seu auditório e segundo a finalidade, pois o orador podia obter a persuasão por três meios. Primeiro, pela lógica do seu discurso, isto é, pela forma como ele encadeia as razões. Essa seria a persuasão pelo *logos*. Em segundo lugar pelo tipo de emoções que consegue levantar no auditório que ouve seu discurso. Esta seria a persuasão pelo *pathos* ou emoção. Em terceiro lugar pela forma como se apresenta perante aqueles que o ouvem. Esta seria a persuasão pelo caráter que o orador deve assumir para obter confiança do auditório, pelo *ethos*. Essas três formas de persuasão podem ser usadas nos três gêneros de discurso dos quais se ocupa a Retórica. Analisar-se-á como se apresentam na coluna do Sant'Ana, a seguir.

4.1 Lógos

A antiga retórica dividia o discurso nas seguintes partes: exórdio ou introdução, narração, demonstração e peroração. Essa estrutura corresponde ao discurso forense. O exórdio procurava atrair a benevolência e a atenção do ouvinte ou leitor. Na narração, fazia-se um relato dos fatos que teriam acontecido. A demonstração consistia no momento tipicamente argumentativo do discurso, quando a partir dos fatos narrados tiravam-se as conclusões. Por último na peroração se amplificavam as conclusões obtidas. Assim prova-se que alguém cometeu um sacrilégio, e na peroração, aumentava-se o caráter ímpio desse delito.

Segundo Reboul (2004), é na narração que o *logos* supera o *pathos* e o *ethos*, pois para que a narração seja eficaz deverá três características básicas: clareza, brevidade e credibilidade.

Em primeiro lugar, o texto deverá ser claro, com preferência cronológica, mas de vez em quando, utilizar *flash-back*, ser breve e eliminar o que seja inútil, isto é, retirar do texto as circunstâncias que não levam a nada. É necessário ser breve no enunciado dos fatos com suas causas e, ao mesmo tempo ser cauteloso.

No exórdio, o *ethos* e o *pathos* superam o *logos*. Na peroração é o *pathos* que predomina. Na demonstração usam-se os três meios de persuasão. A demonstração retórica não tem o caráter emocionalmente neutro da demonstração

matemática. Nela as figuras retóricas e as invocações e perguntas como a famosa de Cícero “*quo usque tandem Catilinae .abutere patientiam nostram..?*” (até quando Catilina abusará da nossa paciência?) São usadas para mover as emoções dos ouvintes ou leitores.

Nos textos de Sant' Ana, reconhecem-se os três meios de persuasão. Um texto que serve como exemplo de riqueza em estratégias argumentativas pelo *logos* é “É Proibido proibir?”, texto argumentativo contra a lei municipal, que proíbe a venda de bebidas alcoólicas em todos os postos de gasolinas de Porto Alegre (ANEXO C).

No texto “A nossa Perdição”, os argumentos concretizam-se usando o recurso de polemizar contra os argumentos de Moacyr Scliar, que afirma haver no Brasil uma queda permanente da taxa de natalidade. Sant’Ana replica que essa taxa continua alta nos setores mais pobres da população, e que esse fato está detrás do aumento da delinqüência juvenil. O tema é tão polêmico, que levanta tantas emoções, objetividade com a qual o jornalista o trata. (ANEXO D)

4.2 Pathos

Pathos é um termo grego que alude a todo um conjunto de paixões, emoções e sentimentos, que o orador deve despertar no seu auditório quando proferir seu discurso. Aristóteles no livro II da *Retórica*, ocupa-se desse tema, numa parte do seu texto que ficou conhecida como Retórica das paixões. Aristóteles percebeu que não se pode falar da mesma forma a qualquer tipo de auditório. O Livro II da *Retórica* está dividido em três partes.

Na primeira parte Aristóteles tenta dar uma definição das diferentes paixões: a ira, calma, amor, ódio, temor, confiança, vergonha e a falta de vergonha, ou despudor, compaixão, indignação, inveja e a emulação. O filósofo preocupa-se em caracterizar quais são os tipos de pessoas as quais se ama, quais são as disposições favoráveis ao medo, quais são as pessoas e as coisas que podem ser objeto de compaixão, quais são as pessoas perante as quais se sentem indignação, ou vergonha e em quais circunstâncias. Essa análise acurada não visa apenas a estabelecer uma tipologia para cada uma das paixões, mas também visa fundar uma tipologia dos objetos de cada uma delas.

O orador deve estar ciente da natureza de cada uma das paixões e dos seus objetos, a fim de poder jogar com as emoções do seu auditório. O auditório é volúvel, pode aprovar pela manhã aquilo que desaprova pela tarde. O bom orador, como o Marco Antônio na tragédia *Júlio César* de Shakespeare, pode se aproveitar dessa falta de estabilidade emocional da plateia de ouvintes. Considerações semelhantes podem ser aplicadas ao discurso escrito. Também o escritor de um texto argumentativo pode se aproveitar da mudança nas emoções dos seus ouvintes. Uma determinada escolha de figuras retóricas, ou uma forma especial de escolha do léxico pode predispor os leitores de uma forma favorável a uma causa ou desfavorável.

A segunda parte do Livro II da *Retórica* está dedicada à análise dos tipos de auditórios segundo sua idade e sua riqueza. Aristóteles era ciente de que não se podia falar da mesma forma ao jovem, que aos idosos, ricos e pobres. Pela idade, podem ser divididas as pessoas, em jovens, pessoas maduras e idosas. As pessoas jovens têm mais dificuldade em dominar suas paixões. Os idosos apreciam mais a vida que os jovens e tendem a ter opiniões mais conservadoras. As pessoas de meia idade têm um caráter que se apresenta como um meio termo entre a intrepidez dos jovens e a cautela dos idosos. As pessoas mais abastadas são mais sensíveis ao apelo de considerações éticas, ao passo que as mais pobres têm uma concepção utilitária.

Todas essas coisas são sabidas por aqueles que trabalham no marketing eleitoral. É um conhecimento que se torna manifesto para aqueles que vivem numa sociedade democrática como a nossa e a da antiga Grécia. Não por acaso muitos estudiosos têm associado o renascer da Retórica à difusão da democracia como forma quase universal de governo nos dias de hoje.

Na coluna de Sant' Ana reconhece-se o uso das emoções para persuadir. No texto "O precatório da saúde", através de um exemplo mostra o descaso das autoridades com a saúde pública do povo gaúcho. O jornalista apela às emoções dos seus leitores levando-os à indignação ao relatar a situação das pessoas que precisam usar o sistema único de saúde: "Ocorre que milhares de gaúchos permanecem na fila do SUS para cirurgias por longos meses e até mesmo anos." O sentimento que o jornalista busca levantar em seus leitores é um sentimento de indignação pelo descaso com a saúde pública ao afirmar: "Esses infelizes são atendidos nos postos de saúde e nos hospitais, dão-lhe ciência de que a única

providência para sanar seu mal é a cirurgia, mas terão que esperar a vaga para realizar-se a operação”. Em outra parte do texto, afirma: “E as pessoas acabam aleijadas mutiladas e mortas”. Em todo o texto o jornalista busca mostrar sua indignação e provocar o mesmo sentimento em seus leitores, através dos argumentos que utiliza. Cita um outro exemplo: “O caso de Getulio Miranda [...] que convive há quase um ano com um cisto no pé, um tumor que está começando a atingir o tendão [...], no entanto está há meses na fila para a cirurgia a desesperar-se”. Nesse caso além de argumentar em favor dos desfavorecidos o exemplo utilizado encerra a coluna com o mesmo sentimento de indignação que permeia todo o texto (ANEXO R 1).

A situação da saúde pública é um tema, que interessa muito às pessoas idosas e às que têm crianças pequenas, pois idosos e crianças são os principais usuários do Sistema Único de Saúde. Note-se como o autor se dirige a um público de uma determinada faixa etária. A coluna de Sant' Ana parece não estar dirigida aos jovens. Temas como a saúde, a velhice, o tédio, não estão dentro de suas preocupações.

Na coluna “A alegria do esmolar”, o jornalista busca levantar um sentimento tão universal como o é a compaixão. O texto descreve o despertar da compaixão ao dar esmola a uma pedinte: “O brilho no olhar da mendiga de Santo Ângelo foi notável, mas ainda mais fulgurante foi o brilho no olhar do homem, que alcançou a esmola para ela”. Nessa construção paralela se contrapõem o sentimento de compaixão por quem pede a esmola e alegria ao dá-la. (ANEXO N1)

Na coluna “Um holocausto programado”, o jornalista volta a se ocupar do tema do SUS. Os antigos teóricos da Retórica sabiam que a escolha de um determinado tipo de léxico servia para levantar paixões. Sabe-se que as palavras além de denotação têm conotação. ““União estável” e “concubinato”, “profissional do sexo” e “prostituta” são pares de palavras com a mesma denotação e diferente conotação. “Os antigos sabiam usar a rejeição que acompanhava as palavras como: “parricídio”, “adultério” e “sacrilégio”. Essas palavras estavam associadas com sentimentos de repulsão devido a determinadas características da cultura do Mundo Antigo.

As leis romanas impediam um homem de vender uma propriedade, comprar uma casa e contrair matrimônio sem autorização do pai. Enquanto o pai vivesse, o homem romano era, desde o ponto de vista jurídico, um menor de idade. Disso

decorria a tentação do parricídio. Esse horror que remetem aos acontecimentos referentes à II Guerra Mundial associa ao termo “holocausto”, porque ele nos remete a uma espécie de crueldade gratuita e planejada. O próprio título, escolhido pelo jornalista para sua coluna, expressa uma conotação negativa (ANEXO A).

No texto “Ah, hospitais!”, o jornalista cita o caso de uma pessoa, que não tinha sido atendida em hospital. A partir desse exemplo, o jornalista alude ao sofrimento das pessoas que não conseguem ser atendidas nos hospitais. O próprio título da coluna move o leitor à indignação. Através de sua prosa cuidadosamente trabalhada, o jornalista apresenta quase como se estivesse vendo a cena, a situação calamitosa dos hospitais (ANEXO R).

Já na coluna “Em nível de indignação” o autor constrói o texto argumentando sobre o quanto ele está indignado com o reajuste de quase 100% dos salários dos deputados federais e senadores, e que isso repercutirá nos salários dos deputados estaduais e vereadores como um efeito cascata. O fato de estar em desacordo com o reajuste mostra um sentimento de revolta, que, com certeza, a maioria dos seus leitores compartilha. Agora não é só a indignação que é chamada à cena, mas também a ira (ANEXO P).

No texto “Call center do crime”, o autor provoca nos seus leitores um sentimento de revolta com a organização do crime que supera os sistemas de segurança. Numa estratégia discursiva muito usada por ele, o jornalista apela ao público leitor dizendo “O leitor está acordado? Acredita nisto que está lendo? É algo terrificante e desanimador. Os criminosos têm mais recursos que os policiais”. Esse é um texto que desperta um sentimento terrível. (ANEXO J). Passa-se a apresentar a argumentação pelo *Ethos*.

4.3 Ethos

Os antigos gregos e romanos sabiam que uma forma efetiva de orador persuadir sua audiência ou auditório consistia em se apresentar como alguém que é sincero, confiável e honesto. Quiçá o exemplo mais famoso desse procedimento encontra-se no exórdio da *Apologia de Sócrates* de Platão, texto que mostra um Sócrates humilde e sincero que se dirige aos seus juízes. Segundo Reboul (2004), ao persuadir pelo *ethos*, o orador deve assumir um comportamento que atraia

confiança do auditório, independente de qual for a argumentação. O orador nada obtém sem essa confiança que se torna imprescindível.

Ter essa confiança do auditório depende de alguns fatores como a idade do público, seu nível social, e da sua competência. O orador não obterá o mesmo efeito se estiver falando para camponeses de maior idade, ou para adolescentes de uma cidade ao mesmo tempo.

Algumas características do orador são importantes para, que ele tenha credibilidade com o seu público. Ele tem que desenvolver certas habilidades como, por exemplo: ser simpático, ponderado, sincero, ter a capacidade de ser razoável, não dissimular o que sabe e o que pensa, e estar disposto sempre em colaborar com seu auditório. Há um fator imprescindível, segundo Reboul (2004): *ethos* é um termo moral, que pressupõe a ética. Se os valores éticos não são respeitados, o orador estará condenado ao fracasso.

Paulo Sant'Ana também se vale da persuasão pelo *ethos*. Na coluna "Sant'Ana: A visão de um leitor", o jornalista utiliza o recurso argumentativo de ser apresentado pela voz de outra pessoa ,neste caso a voz do escritor Moacyr Scliar, da seguinte forma: " Li a coluna do Scliar sobre mim só ontem e desculpem o transtorno, gostei muito".(ANEXO C₁). Esse recurso de citar as opiniões que outras pessoas têm sobre ele, permite, ao orador ou escritor, dar uma imagem elevada de si mesmo, sem pecar de imodéstia. Afinal, não é ele quem fala sobre si mesmo, mas os outros.

Às vezes, Sant' Ana cria um clima intimista com seus leitores, como na coluna : "Meus segretos amigos". O título já é uma referência à estratégia de criar um clima de intimidade ou amizade com o leitor. Nesse texto, o jornalista cita os versos do compositor Vinícius de Moraes (ANEXO L). Ao citar um dos principais compositores da Música Popular Brasileira contemporânea o colunista atrai a confiança e atenção de um público leitor culto:

" Modéstia à parte,essa coluna deve ser boa mesmo,tanto que figura em muitos sites da internet como sendo de autoria de Vinícius de Moraes.Pelo que,em represália, reivindicarei qualquer dia como de minha autoria aquele soneto que termina com estes dois versos: " Que não seja imortal posto que é chama/ mas que seja infinito enquanto dure".(SANT'ANA, 2007 p. 31)

Em outra coluna, o jornalista apela aos sentimentos dos leitores descrevendo sua infância pobre. Na coluna “Soltar Pandorgas”, escreve: “Eu não tinha dinheiro nem para comprar papel de seda colorido das pandorgas [...] haja rolos de cordões encerados para levá-la até a altura de quase 800 metros [...]. O mais que me concedia alguns meninos era deixar-me segurar o cordão da pandorga”. Ao utilizar o recurso retórico do apelo às emoções do leitor, apresentando como alguém de origem humilde, o colunista busca comover seus leitores. Ele relembra: “guardei (aquilo) na lembrança por toda a minha vida.”. Ele constrói o texto de forma que o leitor fica preso lendo emocionado com sentimento pesaroso. Essa estratégia argumentativa dá uma credibilidade ao colunista e torna possível para ele manter o leitor atento, apresentando-se de uma forma não dissimulada, razoável, e, ao mesmo tempo, simpática (ANEXO N).

Na coluna “As multidões sem voz, “Sant' Ana constrói sua argumentação se apresentando-se como alguém preocupado com as necessidades do povo. No final da coluna ele se coloca como o jornalista que não vê de fora os problemas dos seus concidadãos, mas como a voz das multidões. “O jornalismo não tem de ficar de fora polindo frases como muitas vezes faço. Tem de vestir um macacão e pôr as mãos `a obra para ouvir e denunciar as aflições do povo.” Utiliza exemplos para reforçar a ideia de que o jornalismo é a voz da multidão das pessoas que precisam denunciar suas dificuldades em conseguir as coisas, tais como transporte público adequado, consulta pelos planos de saúde e outras necessidades da em geral(ANEXO B 1).

Já na coluna: “O interino”, o jornalista utiliza um estilo de falsa modéstia: “Como tem gente que escreve bem em *Zero Hora!* Alias, todos os interinos que escreveram no meu lugar até hoje escreveram melhor que eu”. “Apresenta-se de uma forma surpreendente, dizendo:” O meu forte não é o estilo, é a sacada. Na sacada, hoje, no Brasil, talvez só me supere o Diogo Mainardi, da revista *Veja*, que por sinal é por sua coluna que, todos os leitores abrem a revista, assim como acontece em minha coluna em ZH.” De fato, essa declaração surpreende porque Sant' Ana tem um estilo bastante polido. Às vezes, o jornalista, como nessa coluna, quebra a linha do discurso polido e usa um padrão de linguagem mais simples, um nível mais popular de escrita, como na última frase (ANEXO L1).

Na coluna “Lenha nunca mais!”, Sant'Ana apresenta mais uma vez a lembrança de sua infância descrevendo seu passado, “no tempo do meu pai chorei no quintal de minha casa bilhões de vezes” [...] e assim, ele vai descrevendo esse

tempo afirmando, “o que eu não posso reviver é aquele aviso trágico de minha madrasta: Paulo, chegou a lenha. Vai carregá-la e empilhá-la.” Aqui novamente, o jornalista fala de si mesmo, buscando comover e persuadir o leitor de suas teses (ANEXO I).

O texto “Meus papéis” é uma coluna tipicamente construída usando a persuasão pelo *ethos*. O jornalista descreve o tempo todo como é o seu comportamento com relação aos papéis, que recebe, anotações de pessoas que mandam recados, notas, telefonemas e endereços etc. Escreve: “É papel para todo lado, vai desde as anotações de telefone e endereços até letras de músicas de compositores e sonetos de principiantes em literaturas, um aluvião de papéis que me entregam...”. Assim ele constrói a coluna falando de suas atitudes e das preocupações cotidianas com os papéis e encerra o texto perguntando: “Qual é o seu papel?” um encerramento tipicamente retórico, (ANEXO O₁).

CONCLUSÃO

A hipótese que guiou este trabalho era a de que é possível aplicar as categorias da Retórica a textos conhecido por jornalismo opinativo. Jornais como *Zero Hora* são de alguma forma um sucedâneo do que na cidade antiga era o foro.

Eles recebem cartas dos leitores e levam em conta sobre quais assuntos que serão importantes para a população, as opiniões, crenças e valores desse público leitor.

O colunista que expressa opiniões está de alguma forma, em posição similar ao orador no foro da cidade antiga.

O jornalismo opinativo expressa opiniões, não certezas. A argumentação nos editoriais e nas colunas de opinião não tem a coerção lógica do raciocínio científico. Até seria impossível no espaço do jornal apresentar todos os dados que fundamentam uma determinada opinião.

Trata-se, então, de uma argumentação essencialmente retórica. Como foi dito a argumentação jornalística está longe do âmbito do raciocínio científico, mas também não se enquadra dentro da argumentação dialética, pois não tem a forma dialogada própria do discurso que expressa uma interação entre um oponente e um proponente de uma tese.

Acredita-se ter mostrado que as categorias da Retórica podem mostrar muitas coisas sobre textos jornalísticos como os escritos por Sant'Ana em sua coluna. É claro, não se nega outro tipo de análise, como aqueles que são feitas pelos analistas do discurso da linha francesa.

Não se tentou conectar as condições de produção do discurso do jornalista a uma situação sócio-histórica particular ou a uma determinada estratificação social o que interessou era inventariar e analisar quais são os recursos que ele usa para conseguir, por parte dos seus leitores, a adesão às teses que submete à sua consideração.

O *corpus* da Retórica é riquíssimo. Não podia ser diferente se levar em conta que essa disciplina se originou há quase 2 500 anos atrás. Ele abrange não apenas a Retórica grega, como a latina, a medieval e a renascentista. O estudo clássico de Quentin Skinner *Razão e Retórica* na filosofia de Hobbes sinaliza a importância da retórica na época isabelina.

Nos textos de Paulo Sant'Ana reconhece-se traços característicos da argumentação jurídica, o que não é de surpreender se levar em conta a formação acadêmica do jornalista. É a Retórica latina, a de Cícero e Quintiliano, mais que a Retórica grega a que influenciou o discurso forense.

É na Roma antiga que aparece o profissional do Direito. Na Grécia Antiga não havia advogados profissionais, assim não foi trabalhado exhaustivamente todos os textos desses retores latinos pertinentes para esta investigação, usou-se muitas vezes fontes secundárias.

Mesmo assim obtiveram-se resultados que são importantes para aqueles que estudam o discurso em suas diversas manifestações e desde diversas perspectivas. Pôde-se determinar que Sant'Ana faz um amplo uso das técnicas da retórica forense. Os argumentos pelo exemplo e os entimemas são frequentemente usados pelo jornalista.

O uso das figuras retóricas é abundante. No texto do colunista não possui tanto um valor estético, como um valor persuasivo. O jornalista constrói seus textos, utilizando-se de paralelismos e antíteses. Ele apela tanto à razão como à emoção. O uso de vocativos é abundante. O estilo não viola as máximas aristotélicas de clareza e de adequação. Entretanto muitas vezes determinamos rupturas discursivas, quando o autor passa no mesmo texto de um estilo quase literário a um estilo mais coloquial.

REFERÊNCIAS

ARISTOTELES. *Tratado da lógica*: Tradução M. Cande. Madri: Editorial Gredos, 1988.

_____. *Metafísica* Ética a Nicômaco; Poética – 2ª ed. 1984.

_____. Tópicos dos argumentos sofísticos: Tradução Leonel Vallandro e Gered Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ARNAULD, Antoine; NICOLE, Pierre. *La logique, ou, L'art de penser*. Paris: Flammarion, 1970. 440p

BERTOLUCCI, Mariana. Pablito e seu Coração. *Zero Hora*, Porto Alegre, 21 jan.2007. Caderno Donna ZH, p.20.

BRETON P. *A argumentação na comunicação*: Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

CÍCERO. *Catão, o velho ou*, Diálogo sobre a velhice. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

EEMEREN, Frans H. van; GROOTENDORST, Rob. *A systematic theory of argumentation: the pragma-dialectical approach*. New York: Cambridge University Press, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Objetiva 2004.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

MARAFOTTI, Roberto. *La argumentación*. Buenos Aires: Biblos, 2004.

MODOLFO Rodolfo. *O pensamento antigo*: volume I. São Paulo: Mestre Jaú. 1966.

OLIVEIRA. A. M. P. P. *As Ciências do Lexico*: Campo Grande: UFMS, 2001.

PERELMAN. C; OLBRECHTS-TYTECA. L. *Tratado da Argumentação A Nova Retórica*. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

PLEBE. A; EMANUELE P. *Manual da Retórica*. Tradução de Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANT'ANA, Paulo. Uma história de amor. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 16 jan. 2007, p.55.

_____. Quem sois? *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 27 fev.2007, p. 47.

_____. Um grande amor. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 16 jan 2007, p.55.

_____. Japão severo. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 20 ago. 2006, p. 63.

_____. Ah, hospitais . *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 16 set. 2006, p. 51.

_____. O precatório da saúde. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 25 set. 2006, p. 43.

_____. O ponto de vista (II). *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2006, p. 63.

_____. Tudo invertido. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 1º set. 2006, p. 63.

_____. O auge da dor. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jul. 2006. p. 47.

_____. É proibido proibir. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 13 nov. 2006, p. 43.

_____. O chato Transatlântico. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 05 nov. p. 39.

_____. Eleitor encurralado. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 27 ago. 2006, p.55.

_____. O feliz. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 28 fev. 31 out. 2006, p. 59.

_____. Prender onde. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 28 fev. 2007, p. 47.

_____. Enfim, a igualdade. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 05 mar. 2007, p. 35.

_____. A nossa perdição. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 23 set. 2006, p. 47.

_____. Sant'Ana a visão de um leitor. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 22 jan. 2007. p. 35.

_____. As multidões sem voz. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 17 set. 2006, p.63.

_____. Inferno, purgatório é céu. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 27 ago. 2006, p. 63.

_____. Um holocausto programado. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 29 mar. 2007, p. 55.

_____. Só questão de ponto de vista. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 07 nov. 2006, p. 51.

_____. O ponto de vista. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 09 dez. 2006, p. 47.

_____. Call center do crime. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 10 mar. 2007, p.47.

- _____. Em nível de indignação. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 19 dez. 2006, p. 67.
- _____. Ser velho. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 12 jan. 2007, p. 55.
- _____. Soltar pandorgas. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 30 abr. 2006, p.55.
- _____. Alegria de esmoler. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 06 ago. 2006, p. 63.
- _____. Meus papéis. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 17 jan. 2007, p. 63.
- _____. Eu sei e você sabe. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 01 fev. 2007, p. 63.
- _____. Lenha nunca mais! *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 13 mar. 2007, p. 47.
- _____. Nuvens plúmbeas no Céu. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 23 dez. 2006, p. 47.
- _____. A aspa do boi brasino. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 03 out. 2006, p. 55.
- _____. O óbvio. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 13 fev. 2007, p. 47.
- _____. O interino. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 18 jan. 2007, p. 71.
- _____. Meus segretos amigos. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 15 jan. 2007, p. 31.
- _____. Prêmio Nobel da asneira. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 05 nov. 2006, p. 63.
- _____. De trás para diante. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 28 set. 2006, p. 63.

STYRON,William. *Sophie's Choice*.São Paulo.Companhia das Letras, 1999.

TINDALE, C. *Rhetorical argumentation*. Principles of Theory and Practice.Thousand Oaks: Sage Publications, 2004.

SANT'ANA, Paulo. *O melhor de mim*. Porto Alegre: RBS, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TORRES,João C. de O. *El Cid*. Rio de Janeiro. Record, 1964.

ANEXO S

QUADRO LÉXICO UTILIZADO NAS COLUNAS

Léxico	Título da Crônica	Data da publicação
Adágio	O óbvio	13/03/2007
Alcovas	Uma história de amor	08/07/2006
Aleijume	Um holocausto programado	29/03/2007
Aluvião	Meus papéis	17/01/2007
Antilutismo	O interino	18/01/2007
Antiquada	Ser velho	12/01/2007
Apátrida	Eleitor encurralado	22/08/2006
Ápice	Um grande amo	16/01/2007
Aquinhoarem	Em nível de indignação	19/12/2006
Argúcia	Sant'Ana:a visão de um leitor	22/01/2007
Articulista	As multidões sem voz	17/09/2006
Austeridade	Em nível de indignação	19/12/2006
Beneplácitos	Inferno, purgatório e céu	27/08/2006
Benesse	Em nível de indignação	19/12/2006
calvário	O óbvio	13/03/2007
Catadupa	Meus papéis	17/01/2007
Catapulta	Eu sei você sabe	01/02/2007
Condão	A alegria do esmoler	06/08/2006
Congêneres	Eu sei você sabe	01/02/2007
Couraça	Em nível de indignação	19/12/2006
Cruento	As multidões sem voz	17/09/2006
Desanuviado	Nuvens plúmbeas no céu	23/12/2006
Descalabro	As multidões sem voz	17/09/2006
Desídio	Quem sois?	27/02/2007
Draconiamente	Eleitor encurralado	22/08/2006
Elegia	A aspa do boi brasino	03/10/2006
Emético	Sant'Ana:a visão de um leitor	22/01/2007
Engendrada	É proibido proibir?	13/11/2006
Engolfado	Meus papéis	17/01/2007
Ensarihadas	Lenha, nunca mais!	13/03/2007
Epicuristas	Lenha, nunca mais!	13/03/2007
Epitáfio	O óbvio	13/03/2007
Execrado	Eleitor encurralado	22/08/2006
Exótica	Um holocausto programado	29/03/2007
Extasiamento	Ser velho	12/01/2007
Frívola	Eleitor encurralado	22/08/2006
Frivolidades	As multidões sem voz	17/09/2006
Geringonça	As multidões sem voz	17/09/2006
Granítico	Quem sois?	27/02/2007

Idiosincrasia	A aspa do boi brasino	03/10/2006
Imperícia	Quem sois?	27/02/2007
Inexorabilíssimos	Lenha, nunca mais!	13/03/2007
Meritória	Enfim a igualdade	05/03/2007
Óbolo	A alegria do esmoler	06/08/2006
Isonomia	Enfim, a igualdade	05/03/2007
Obsoleta	Ser velho	12/01/2007
Patibular	A aspa do boi brasino	03/10/2006
Pináculo	De trás para diante	28/09/2006
Plúmbeas	Nuvens plúmbeas no céu	23/12/2006
Polpudos	Em nível de indignação	19/12/2006
Prestidigitação	Quem sois?	27/02/2007
Psicodinâmico	A aspa do boi brasino	03/10/2006
Punge	O auge da dor	29/07/2006
Refestelando	As multidões sem voz	17/09/2006
Sinecuras	Nuvens plúmbeas no céu	23/12/2006
Sócio-financeira	Em nível de indignação	19/12/2006
Soçobro	Meus papéis	17/01/2007
Sufrágio	Eleitor encurralado	22/08/2006
Tergiversadas	Nuvens plúmbeas no céu	23/12/2006
Vassalagem	É só questão de ponto de vista	07/11/2006
Volitivo	Um grande amor	16/01/2007
Catadupa	Meus papéis	17/01/2007
Locupletados	Meus papéis	17/01/2007
Hercúlea	O interino	18/01/2007
Périplo	A aspa do boi brasino	03/10/2006
Condestável	Enfim, a igualdade	05/03/2007
Hipocondríaco	O ponto de vista	09/12/2006
Epidérmico	Quem sois?	27/02/2007
Abjetos	Quem sois?	27/02/2007
infortúnios	Quem sois?	27/02/2007
Cabedal	Tudo invertido	01/09/2006
Odisséia	Tudo invertido	01/09/2006
Higidez	Tudo invertido	01/09/2006
Draconianamente	Eleitor Encurralado	22/08/2006